



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

NÚBIA SILVIA GUIMARÃES

MEMORIAL ACADÊMICO:

CONSTITUIÇÃO POLIFÔNICA: um caminho de resistência por meio da educação

UBERLÂNDIA
2020

NÚBIA SILVIA GUIMARÃES

MEMORIAL ACADÊMICO:

CONSTITUIÇÃO POLIFÔNICA: um caminho de resistência por meio da educação

Memorial apresentado à Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para promoção à Classe De Professora Titular na carreira do Magistério Do Ensino Básico Técnico e Tecnológico.

UBERLÂNDIA
2020.

BANCA EXAMINADORA

Membros Titulares:

Profº. Titular Hudson Rodrigues Lima - Cap Ezequiel/UFU

Profª. Titular Gilvânia Maurício Dias de Pontes - NEI/UFRN

Profª. Titular Marilene Dandolini Raupp - NDI/UFSC

Profª. Titular Vania Fernandes e Silva - Cap João XXIII/UFJF

Dedico este trabalho à minha mãe Maria das Dores Rodrigues Guimarães, pelo exemplo de força e perseverança e ao meu pai Cristóvão Luiz Guimarães (*in memoriam*) razão da minha dedicação à tudo que vivi!

AGRADECIMENTOS

À minha mãe querida, Maria das Dores, guerreira, exemplo de força e determinação, especialmente na crença no sucesso de seus filhos por meio da educação. E ao meu pai amado (*in memorian*), meu mestre e sustento nesta trajetória, grande exemplo de resiliência, amor, humildade e força!

À minha segunda mãe querida, Madrinha Delfina (*in memorian*), pela doçura, leveza, amor e cuidados sinceros, inspiração e exemplo do exercício constante do afeto!

Aos meus irmãos Flávio, José e Daniela, pelo amor infinito traduzido nos amparos do percurso da vida.

Especialmente às minhas filhas Ana Victória e Luiza, que dividem comigo a vida, incluindo minha vida profissional!

Ao Enes, que compartilhou comigo grande parte deste percurso, a quem agradeço, respeito e admiro profundamente.

Aos professores/as Hudson Lima, Gilvânia Pontes, Marilene Dandolini e Vania Fernandes, que amavelmente aceitaram o convite para participar desta banca, oferecendo seu tempo e disposição para a leitura e diálogos neste momento tão importante de minha trajetória.

Às minhas queridas amigas da Escola Municipal Cecy Cardoso Porfírio - Anexo, com as quais muito aprendi e que me encantaram, cada uma com sua particularidade, com o universo da educação e que, por isso também contribuíram para que eu decidisse, inclusive, pela profissão do magistério, especialmente a Maria de Lourdes, profissional extremamente humana e competente que me inspirou na crença dos frutos que a educação propicia, mesmo que a longo prazo! Minha eterna gratidão à vocês queridas amigas!

Às minhas professoras e professores que muito marcaram minha vida acadêmica, durante a formação na academia, mas também a formação em outros espaços sociais, Lúcia Valente, Ana Said, Carlos Henrique, Cícero, Marcelo, Helenice, Conceição, Adriana, Ana Cunha, Geraldo, Humberto, José Carlos, Marisa, Narciso Telles, Roberto, Robson, Lázara, Luci, Olenir,

Damaris, Guilherme Saramago, Graça Cicilini, Arlete, Olga, Mara Rúbia, Maria Vieira, Geovana, Haroldo, Valéria, Maria Simone, Vanessa Therezinha, Sandra, Selva, Sonia, Silvana, Maria Irene, Wenceslau, Gercina Novais, Luci Banks, Ana Archangelo, Ana Lúcia Horta, Lavínia Lopes, Sérgio Leite, Gabriela Tebet, Joaquim Brasil... Dentre tantos outros que embora os nomes não sejam aqui citados, contribuíram para meu crescimento, constituição humana e profissional...

Dentre os professores e professoras, destaco especial e fundamentalmente, minhas queridas mestras Myrtes Dias da Cunha e Ana Luíza Smolka por terem acreditado em minha potencialidade e assim, me ajudarem a trilhar o caminho da academia e contribuírem para que eu me tornasse a profissional e pessoa que sou! A elas meu carinho, meu respeito, minha admiração e minha eterna Gratidão!

À Universidade Federal de Uberlândia pela formação oferecida na graduação e no mestrado e à Universidade Estadual de Campinas pela formação vivida no doutorado.

Aos colegas da Escola de Educação Básica, seus técnico-administrativos, especialmente às docentes da área de Educação Infantil, minhas queridas amigas e parceiras de todos os dias que dividem comigo hoje, a rotina de ser professora! Espaço de trabalho coletivo marcado pelo compromisso com as crianças e pelo afeto! Flávia, Pâmela, Rochele, Celine, Vanessa, Paula, Priscila, Fernanda, Kellen! Vocês foram suporte de tantas ações aqui apresentadas!! Gratidão imensa também às queridas colegas que já se aposentaram com quem iniciei minha carreira na Eseba a quem admiro e respeito, pois com elas muito aprendi, Analúcia, Rita, Lirisleia, Eliana Freitas, Fátima, Dulce, Dircelia, Lísia, Denize Rizzoto.

Ao meu querido amigo Hudson Lima, que me acolheu na Eseba por meio da escuta sensível, generosa com amabilidade e afeto.

À querida Analúcia Moraes, por sua delicadeza, humildade, cautela, amorosidade nas/das relações, que foi para mim acolhida sincera e amiga no início da trajetória na Educação Infantil na Eseba.

À querida amiga “secreta” Divina Célia, pessoa sábia, amiga sincera e cuidadosa em todas as horas. Humilde e amorosa com todos, sempre pronta a ajudar, meus agradecimentos mais sublimes.

À querida Elizabet Rezende, por sua competência e sensibilidade na condução de temas educacionais complexos, sempre tão comprometida com todos da escola e referência para mim de ética e sabedoria.

Ao querido André Sabino, por sua competência e compromisso com a educação e por ter dedicado um tempo importante para a atuação na gestão da escola em tempos de enfrentamentos políticos tão difíceis.

À querida amiga e colega de tantos projetos, Liliane dos Guimarães, pelo incentivo e valorização do meu trabalho, sempre apontando o melhor da minha prática, contribuindo para que eu me percebesse como potente, provocando com isso sustentação para melhorar cada vez mais minha atuação como professora.

Aos meus queridos amigos e companheiros da Gestão Daniel, Sumaia e Janine, pelo apoio e confiança no trabalho cotidiano, sendo amparo, força sustentadora e criativa sempre permeadas pelo diálogo e afeto.

Às crianças com as quais convivo, convivi e aprendi por todos esses anos de atuação, cada uma com sua contribuição em minha constituição docente.

Às famílias das crianças que sempre estiveram presentes em minha caminhada estabelecendo laços de parceria, confiança e afeto.

Às estagiárias que estiveram comigo ao longo desse tempo com quem sempre estabeleci laços de confiança e amizade, especialmente à Mariana Ferreira, Marina Inocêncio, Ana Julia, Andréia, Stael, Bárbara Melo, Camila Braga, Mariana Spini, Hellen, Nathália, Camila Teixeira, Jéssica, Daniela, Alessandra, Laís, Cecília, Cristiane, Jéssica.

Às minhas amigas Lívia, Leonice, Letícia, Cleris e meu amigo Tiago, pela amizade sincera e trocas tão enriquecedoras ao longo desse tempo!

À minha Fé!! Pois é Ela que me sustenta e sustentou nos caminhos trilhados sem nunca me entregar ao desânimo das horas difíceis!

VERDADE DIVIDIDA

A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond Andrade

RESUMO

Apresento à Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia o presente memorial que discorre sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional até o presente momento. Trago algumas lembranças sobre minha vida escolar na infância e na juventude, pois elas contam sobre minha história como estudante, sobre modos de apropriação da cultura e especialmente sobre como esses modos atravessaram minha constituição profissional. Procuro apresentar uma escrita ancorada na compreensão histórica e cultural de minha constituição pessoal e profissional que atravessaram minha trajetória. Ressalto que o processo de escrita desse memorial deixou claro para mim que esse processo foi se constituindo também no fazer docente. Tento expressar o paradoxo, as lutas e buscas intensas desde a infância destacando que, apesar de condições adversas foi possível traçar caminhos e buscar incessantemente alcançar os objetivos traçados. Cabe aqui destacar que no processo de escrita desse memorial, procurei entender e também tentei responder algumas indagações. O que nos move em busca de algo que queremos muito? Há algo que convida? Convoca? Que faz sentido e que dá sentido em nossa trajetória? Fui encontrando as respostas especialmente nessas afirmações. Significar o vivido! Apropriar-nos da cultura! Buscar o que faz sentido de forma única e irrepetível como nos aponta Vigotski! Nessa trajetória fui sendo constituída e fui me constituindo com alteridade, no sentido bakhtiniano, por meio de muitas vozes que se manifestam de modo polifônico em mim e em meu fazer docente. Espero ter conseguido demonstrar nessa narrativa, meu compromisso com as crianças, com a comunidade escolar, com a dedicação ao trabalho com qualidade na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO: processos de apropriação da educação primária ao ensino médio	8
RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: no tempo e nas relações concretas vividas, formação acadêmica e atuação profissional (1996-2020)	23
- Formação no Mestrado e início da carreira docente	27
ATIVIDADES DE ENSINO: carreira docente na Escola De Educação Básica Da Universidade Federal de Uberlândia	29
A inclusão escolar e sua interface em minha constituição	52
ATIVIDADES DE PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA: processos constitutivos	55
A FORMAÇÃO ACADÊMICA E A RELAÇÃO COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: modos de me tornar professora	63
ATIVIDADES DE GESTÃO: desafios e possibilidades frente a constituição docente	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICES	81
APENDICE “A”	82
PRODUÇÃO LIVRO “A ESTRELINHA E SEUS TANTOS AMIGOS”	82
Turma de 1º período – 4 anos 2013.....	82
APÊNDICE “B” – CARDÁPIO CRIADO PELAS CRIANÇAS DO 2º PERÍODO PARA A PIZZARIA DA TURMA – DEZ/2019.....	91
APÊNDICE “C” – ALMANAQUE DE TIRINHAS CRIADO PELAS CRIANÇAS DE 1º PERÍODO - TURMA DA MÔNICA EM 2018.	100
ANEXOS - DIPLOMAS	105
.....	105

INTRODUÇÃO

*A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.
 Meu fado é o de não saber quase tudo.
 Sobre o nada eu tenho profundidades.
 Não tenho conexões com a realidade.
 Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
 Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
 Fiquei emocionado.
 Sou fraco para elogio.*

Manoel de Barros.

A oportunidade de uma escrita nos termos de um memorial, olhar para nossa história, possibilita nos reconhecer, rememorar nossa trajetória e trazer à tona, primeiro para nós no processo de reconstrução da história vivida e das marcas deixadas no caminho e em seguida dividir essa história com os leitores que conosco compartilham desse processo. Essa possibilidade parece-nos muito atraente, porém também muito desafiadora. Difícil traduzir em texto o caminho tão complexo vivido! Mesmo assim, aceitei o desafio, especialmente de modo a tentar trazer ao leitor os sentidos vividos em cada experiência. Por mais difícil que seja esse processo, também é emocionante e porque não dizer, fascinante! Motivo de orgulho! Fascinante na medida em que aponta uma história de superação e grandes conquistas marcada por um modo de apropriação e significação da cultura muito particular. Ainda aqui, na escrita e produção deste memorial esse modo se mostra de forma muito específica. O meu modo, o meu olhar, a minha forma de dar sentido às situações concretas vividas. A narrativa se constitui assim como também me constituí ao longo desse tempo, atravessada por um modo de compreender o desenvolvimento extremamente marcado pelas situações concretas vividas. A psicologia histórico-cultural, especialmente dois autores, Vigotski (1896-1934) e Bakhtin (1895-1975) que muito me inspiram na compreensão do desenvolvimento humano, inclusive na qual se ancora toda a minha trajetória acadêmica, sustentam também minha compreensão sobre minha própria constituição pessoal amalgamada profissionalmente. Conceitos como apropriação, significação, polifonia, dialogismo, situações concretas, vivências, zonas de desenvolvimento iminente, aparecem materializadas em mim, tanto no percurso vivido, quanto atravessados na escrita aqui constituída.

O presente memorial foi elaborado para compor o processo de avaliação de desempenho acadêmico para acesso à classe Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia

(Cap Eseba/UFU), conforme diretrizes gerais e critérios estabelecidos pela Lei 12.772, de 2012, Resolução 03/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (CONDIR/UFU) e Portaria do Ministério da Educação n.982, de outubro de 2013. Entretanto, mesmo sendo parte de uma exigência formal para um processo de promoção na carreira, sua produção tornou-se também uma oportunidade de demonstrar meu compromisso com a educação pública de qualidade, meus modos de desenvolver um trabalho marcado pela valorização da infância e especialmente de ressaltar que o desenvolvimento humano é atravessado pelas situações concretas vividas.

Apesar do grande desafio, busquei traduzir na escrita, partes fundamentais da minha trajetória ciente de que muitos elementos possam ter ficado sem registro ou mesmo terem para mim, significados subjetivos que aos olhos do leitor possam soar incompreensíveis. Mas são riscos dos quais não há como fugir. Desejo que o leitor (re)construa comigo essa trajetória buscando acompanhar a tessitura com a qual fui compondo essa narrativa. O mesmo foi produzido tendo como base a rememoração de minha história desde a infância, entendendo que as marcas constitutivas atravessam o modo de ser professora e também, na consulta de documentos e outros registros produzidos ao longo desse tempo. Assim a produção deste memorial se ancora em alguns objetivos: (re)construir e expor uma narrativa que apresente uma trajetória profissional comprometida com o ensino público com qualidade, especialmente com as crianças; relatar minha formação acadêmica da Graduação ao Doutorado, e os encontros teóricos oportunizados nesse processo, bem como, as dificuldades encontradas e os aprendizados construídos; apontar que minha atuação profissional envolveu e envolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão.

Destaco que a escolha do título **CONSTITUIÇÃO POLIFÔNICA: um caminho de resistência por meio da educação** procura traduzir e demonstrar que busquei retratar no texto minha história marcada na singularidade, que se constituiu em meio aos diálogos vividos em todos os espaços sociais pelos quais passei e atuei e que essa atuação demonstra de modo próprio e particular uma apropriação de muitas vozes, gestos, cores, sabores de outrem, por meio da experiência vivida, da convivência ampla e histórica seja com profissionais com quem convivi, referências no campo acadêmico, sejam leituras feitas ao longo desse tempo, traduzidas em meu modo de ser professora e de ser gente. Já o reconhecimento de minha trajetória como um caminho de resistência por meio da educação, está relacionado tanto à crença de minha mãe e minha de que poderia obter uma ascensão social por meio da educação, apesar de tantas adversidades que poderiam ter-me feito desistir, quanto também a entender a minha atuação profissional como caminho de resistir a práticas opressoras e impostas de forma autoritária por

políticas descomprometidas com as crianças. Ou seja, resistir e arquitetar caminhos possíveis para a construção de uma prática educativa que valorize a docência e respeite as crianças e a infância.

Portanto, organizei esse memorial de modo a apresentar na primeira parte, o relato acerca dos primeiros anos de escolarização demonstrando processos de apropriação cultural da educação primária ao ensino médio que deixaram marcas nos modos de brincar e me relacionar com as crianças, período marcado por privações importantes, mas que não impediram o sonho, a luta e a conquista de objetivos traçados; em seguida destaco meu encontro com a psicologia histórico-cultural, e apresento o período de 1996 a 2020, abordando a escolha pelo curso de pedagogia, o ingresso no ensino superior, a formação no mestrado e o início da carreira docente. Depois apresento detalhes da atuação no ensino e exponho que foi no fazer cotidiano que a formação no programa de doutorado foi desencadeada. As atividades de ensino, pesquisa e extensão foram percorridas dentro do tópico maior “encontro com a psicologia histórico-cultural” buscando demonstrar os processos constitutivos do caminho vivido, bem como os desafios e possibilidades encontradas, tanto em relação às práticas de ensinar e aprender como também nos desafios com a formação docente. Nas considerações finais busco resgatar memórias afetivas que me impulsionaram cada vez mais a acreditar que o melhor caminho para promover o desenvolvimento das crianças é ouvi-las com o devido respeito, por meio do verbo “auscultar” e exponho os sentidos construídos na escrita deste memorial.

Por fim, somam-se a esse trabalho as referências aqui citadas, os apêndices que buscam demonstrar alguns trabalhos desenvolvidos e também os anexos. Espero ter conseguido chegar o mais próximo possível à fidelidade dos processos, encontros, desencontros, conquistas, dificuldades, destacando que é necessário acreditar na criança, no seu sonho e naquilo que para ela dá e faz sentido ao vivido.

OS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO: processos de apropriação da educação primária ao ensino médio

Minha infância passei em uma fazenda no Pantanal. Nesse lugar o tempo era parado. Ou passava devagar que lesma. Às vezes a lesma chegava primeiro que o fim do dia. Eu não era solitário. Tinha três irmãos. A gente fabricava os nossos brinquedos. No lugar só tinha o nosso rancho e animais de sela. O que sufocava não era a falta de espaço. A gente só via as distâncias. A gente inventava brinquedos o tempo todo. Agora eu invento brinquedos com palavras. Um vício que eu trouxe de lá.

Manoel de Barros

Sou goiana nascida na cidade de Goiânia, em 14 de março de 1975, mas registrada no município de Buriti Alegre, em uma família humilde que vivia numa região da zona rural nas proximidades da cidade. Filha do meio de Cristóvão Luiz Guimarães e Maria das Dores Rodrigues Guimarães. Tenho duas filhas, minhas companheiras, frutos de uma vida de muito amor, a mais velha, Ana Victória, hoje com 20 anos nasceu em 2000, e Luíza, com 12, nascida em 2008. No tempo em que nasci, minha avó paterna possuía um pequeno sítio no município de Buriti Alegre, mas não tinha condições de produzir. Minha avó ficou viúva muito cedo, meu pai, seu filho caçula, tinha apenas cinco anos de idade e com seus seis filhos ali naquela região, lutou pela sobrevivência na terra, mesmo em um cenário social que não era promissor. As famílias que tinham pequenas propriedades rurais nas décadas de 60 a 80, não conseguiam produzir a contento, pois não detinham de modos financeiros que subsidiassem a produção, especialmente porque a terra desta propriedade não era considerada fértil e utilizavam técnicas de produção bastante rudimentares. A posse da terra por si só não garantia a subsistência das famílias de meus tios e meus pais que por ali moravam. Sendo assim, viviam na terra e tentavam tirar dela os elementos básicos de subsistência por meio de plantio de arroz e feijão de forma “associada”, quando plantavam todos juntos e dividiam a produção entre os que trabalhavam no plantio ao final da colheita. Paralelamente meu pai e meus tios trabalhavam para os grandes fazendeiros da região como “peões”, prestando serviços diários oferecendo sua mão de obra em grandes lavouras, roçando pasto ou realizando qualquer tipo de trabalho que ali fosse necessário.

Ao mesmo tempo acontecia o chamado êxodo rural, em que as famílias que viviam no campo buscavam novas oportunidades de trabalho em meio ao crescente processo de industrialização e urbanização nas cidades. Foi assim que alguns de meus tios foram para a cidade de Goiânia buscar trabalho e tentar meios de vida mais promissores. Antes que eu

nascesse, meu pai também tentou esse caminho, mas não obteve sucesso, voltando pouco tempo depois para o sítio onde enfrentou novos desafios financeiros em virtude das perdas que teve com essa tentativa.

Achei importante trazer aqui imagens de meus pais e de momentos vividos nessa fase tão importante que marca minha primeira infância:

Eu com um ano e oito meses (1976).



Eu por volta de três anos, minha prima Shiley ao meio e meu irmão José Rúbens à direita.

Minha mãe e meu pai. Viagem a Goiânia (1986).



Meu pai e minha avó paterna Joana Luíza. Goiânia (1986).



Da esquerda para a direita. Meu irmão Flávio, minha mãe, meu irmão José Rubens, minha avó materna Antônio e eu. (1982).

Nesse período, em decorrência da chamada “modernização do campo” a maioria dos proprietários de pequenas áreas rurais, por não alcançarem qualquer apoio ou incentivo

financeiro de investimento em sua propriedade, não conseguiram se manter, não restando outra alternativa a não ser vender sua pequena propriedade aos grandes fazendeiros vizinhos. Sendo assim, já no início da década de 80 o sítio de minha avó foi vendido e minha família passou então a viver nas propriedades rurais em que meu pai trabalhava como “vaqueiro” ou “lavrador”, trabalho que ele tanto honrava. Somos quatro irmãos, sendo três nascidos na primeira metade da década de 70, eu filha caçula dos três filhos biológicos de meus pais e no final da década de 80 chegou minha irmã caçula, que foi adotada por toda a família.



Da esquerda para a direita, meu irmão Flávio, eu, minha prima Shiley, e meu irmão José Rubens. (1978).

Da esquerda para a direita, minha mãe Maria das Dores, minha madrinha Delfina, meu irmão Flávio, eu, meu irmão José Rúbens e meu primo Jean. (1979).



Da esquerda para a direita, meu irmão José Rúbens, eu e meu irmão Flávio. (1987).



Meu pai, minha mãe e minha irmã completando seus sete anos. (1996)



Da esquerda para a direita, eu, meu irmão Flávio, minha irmã Daniela e meu irmão José Rubens. (2018).

Meus primeiros anos, de 0 a 5 anos (1975 a 1980), vivi na zona rural, ainda sem frequentar escola. Nesse período as escolas rurais eram organizadas de forma multisseriada¹ atendendo estudantes de 1ª a 4ª série em um mesmo grupo escolar. Os primeiros anos escolares de meus irmãos foram bem difíceis. Meu irmão mais velho, começou seus estudos em uma dessas escolas, no primeiro momento ainda mais perto de nossa casa, mas ainda assim tinha que caminhar em torno de um a dois quilômetros para chegar à escola. Quando nos mudamos para outra fazenda o percurso ficou mais longo já que a escola ficava a quase cinco quilômetros de distância. Não havia transporte e nem mesmo quem os acompanhasse no trajeto. Eram, portanto, submetidos à longas caminhadas pela estrada ficando expostos a alguns perigos tais como animais pela estrada, ou até mesmo à fome nessa caminhada tão longa. Minha família não possuía condições financeiras favoráveis e por vezes, estruturais de dar um apoio aos meus irmãos neste período. Os dois iam e voltavam da escola sozinhos, neste momento com nove e sete anos respectivamente.

Cabe aqui relatar que meus pais não tiveram oportunidade de estudar em virtude da necessidade de trabalhar desde muito cedo para ajudar sua família. Meu pai frequentou a escola por apenas quarenta dias, não alcançando o processo de alfabetização e minha mãe estudou até a 4ª série do ensino primário. Minha mãe, mesmo tendo estudado pouco, acreditava que, por meio da educação e da conquista de um diploma, seus filhos poderiam alcançar um lugar de sucesso em suas vidas. Essa crença, sustentou todos os seus esforços, inclusive nos modos de organizar sua própria vida e de educar os filhos, para que nunca abandonássemos os estudos. Portanto, apesar das dificuldades financeiras que passávamos, sempre nos matriculava em escolas próximas às fazendas que morávamos e quando meu irmão mais velho, concluiu a quarta série do ensino primário minha mãe se mudou conosco para a cidade de Buriti Alegre, para que ele pudesse continuar seus estudos no ensino fundamental II, antiga 5ª série.

Nesse período, eu estava com seis anos de idade e foi então que comecei a frequentar a escola. Meu irmão mais velho iniciou seus estudos na quinta-série, eu na educação pré-escolar. Meu irmão do meio, embora já tivesse estudado por dois anos, ainda não havia conseguido dominar os processos da alfabetização e apresentava muitas dificuldades, o que fez com que fosse retido por dois anos seguidos na primeira série. Quando fui matriculada na primeira série, fomos colocados na mesma sala de aula para que pudéssemos estudar juntos. Assim permanecemos até a antiga oitava série, sempre na mesma sala para que pudéssemos nos ajudar.

¹ Escolas multisseriadas, atendem na mesma sala de aula, e por um mesmo docente, estudantes em diferentes níveis de escolarização.

As escolas pelas quais passei em Buriti Alegre foram: Escola Estadual Antonio Teixeira, onde cursei o pré-escolar, Escola Municipal Lígia de Assis Paiva, onde cursei primeira e segunda-série respectivamente, e, Escola Estadual Alfredo Nasser, onde cursei a terceira série e iniciei a quarta-série, estudando até o meio do ano em 1985, ano em que nos mudamos para a cidade de Itumbiara-GO e que eu estava com dez anos completos.

O tempo vivido na cidade de Buriti Alegre foi bastante complexo, marcado por muitas experiências e grandes desafios. Meu pai ficava praticamente o tempo todo na fazenda em que trabalhava, indo poucas vezes nos visitar, ficando a responsabilidade dos cuidados com os filhos apenas para minha mãe.

Morávamos em casas alugadas, o que nos forçava a nos mudar com muita frequência; minha mãe precisou trabalhar fora para auxiliar em nosso sustento, uma vez que apenas o salário que meu pai recebia na fazenda era insuficiente para nos manter na cidade. Ela então trabalhava como empregada doméstica e por vezes nos levava para ajudá-la em suas tarefas, especialmente meu irmão mais velho. Foi um tempo de muitas privações em todos os sentidos, inclusive com grandes dificuldades afetivo-emocionais, pois agora sozinha na tarefa de cuidar dos filhos, minha mãe vivia grandes conflitos especialmente na busca por nos garantir uma boa educação, o que a levava a ser bastante rígida nos processos que considerava educativos.

Depois de um tempo em que estávamos na cidade, veio morar conosco uma madrinha querida, que foi para mim e meus irmãos uma segunda mãe, representando para nós alento e proteção. Madrinha Delfina, tinha por volta de cinquenta anos, vivia na mesma região na zona rural em que meus pais viviam e era amiga da família desde que eram pequenos, constituindo com eles laços de amizade fortíssimos. Como não se casara, vivia com seus outros dois irmãos beatos. Sua vinda para nossa casa, deu-se por motivo de problemas de saúde, entretanto mesmo com sua melhora, permaneceu conosco pelo resto de sua vida². Deste modo, madrinha ajudava minha mãe nos cuidados da casa e ficando conosco. Não poderia haver companhia e cuidados mais especiais!! Sua paciência e carinho para conosco sempre foram expressão de amor mais puro e sincero, sempre trazendo bálsamo para todas as horas de dificuldades.

A relação afetiva estabelecida ao longo da vida atravessa o tempo e marca essencialmente os modos como nos desenvolvemos e atuamos. Minha família sempre foi muito unida e permeada por laços de afeto sinceros. Como não é possível trazer a todos nesse

² Madrinha Delfina faleceu no ano de 1998, aos 70 anos de idade vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

momento, cito meus tios e primos maternos e paternos e trago algumas pessoas que marcaram de forma muito especial minha formação. Minha querida tia Sirlene, suporte carinhoso em muitos momentos de dificuldade, meus inesquecíveis tios Orozino, Olentino e madrinha Juvenília (*todos in memoriam*), minha querida tia Silvia e meu muito amado padrinho Antônio e para além dos laços sanguíneos, minhas amadas tia Mariinha e comadre Milda. Abaixo um pequeno mural com imagens das pessoas que foram e são demonstração de sustento e afeto, suporte carinhoso ao longo da vida.



Madrinha Delfina, eu e meus irmãos.
(1979).



Tio Olentino, eu e meu pai. (1986).



Minha avó paterna Joana, minha mãe e
minha madrinha Juvenília. (1986).



Eu, Meu tio Orozino 2015.



Eu e minha tia Sirlene (2015).



Eu e minha tia Mariinha (2017).



Luíza, eu e minha comadre Milda (2009).



Da esquerda para a direita Padrinho Antônio, Tia Silvia, eu como daminha. Ao fundo, meu pai, minha mãe e meu irmão Flávio (1980).



Eu, Ana Victória e Luíza 2019.

Gostaria de trazer aqui uma referência muito importante sobre os modos de apropriação da cultura nesse primeiro período que marcou minha infância e minha vida escolar até os dez anos de idade, mas que, com certeza também atravessou minha constituição docente. Vigotski (1994) discute o processo de desenvolvimento cultural do sujeito e destaca o papel do meio nesse percurso. Entretanto, considerar o papel do meio para o autor, implica entender, a experiência vivida, a partir dos modos como cada sujeito a significa.

Portanto, não é nenhum dos fatores em si mesmo (se tomado independente da criança) que determina como esse irá influenciar o curso futuro de seu desenvolvimento, mas os mesmos fatores refratados pelo prisma da experiência emocionalmente vivida {*perejivanie*} pela criança (VIGOTSKI, 1994:340).

O autor também discute os processos de desenvolvimento marcados pela brincadeira, especialmente de papéis sociais e de como os signos culturais vão compondo e constituindo o sujeito. Nesse sentido, quero aqui destacar algumas situações vividas nesta fase da minha vida que demonstram que, apesar de restrições financeiras, de dificuldades afetivo-emocionais vividas na relação familiar, aspectos fundamentais que fazem parte das condições concretas de vida, fui capaz de viver e significar essas experiências de modo a transformá-las em momentos criativos e que, de certa forma marcaram minha constituição na perspectiva da criatividade e da força para enfrentar as situações vividas.

Dessas experiências trago o tempo vivido na fazenda, destacando que em nossa casa, não tinha água encanada, energia elétrica, muito menos televisão. Ainda bem pequena vivia momentos em que brincava com toquinhos, gravetos, mangas verdes, espigas de milho, e outros objetos que se transformavam em casas, bonecas, cavalos, vaquinhas e bozinhos etc, e trago especialmente, encontros com os primos e vizinhos que nos visitavam. Momentos que na maioria das vezes, se traduziam em brincadeiras populares com cantigas sempre conduzidos por minha mãe. Eram momentos de muita alegria para todas as crianças. Experimentávamos o lugar de cores ou doces diversos quando brincávamos de “Vendedor/comprador de doce ou fitas coloridas”, onde todas as etapas da brincadeira, desde a chegada do comprador até a descoberta ou não da “mercadoria” que o mesmo queria, me deixavam extremamente encantada. Brincadeira de passar anel, pique esconde, barra manteiga etc, revezavam-se com as canções brincantes acompanhadas de dramatizações, entoadas por minha mãe, canções estas, ainda vivas em minha memória:

*“Eu sou rica rica rica
Deus Mavé mavé mavé
Eu sou rica rica rica
Deus Mavé desceu”*

*“Eu sou pobre pobre pobre
Deus Mavé mavé mavé
Eu sou pobre pobre pobre
Deus Mavé desceu”*

*“O seu rei mandou dizer,
Manda uma de vossas filhas
Minhas filhas não dou não,
Nem por ouro nem por prata
nem pelo sangue da mulata*

*Vinha vindo alegrezinho, vou voltando tristezinho
 Volte volte cavalheiro, vem escolher qual você quer
 Quero esta quero aquela, vestidinha de amarela
 Cheira cravo cheira chasmim
 Quero esta para mim”*

*“O cravo brigou com a rosa
 Debaixo de uma sacada
 O cravo saiu ferido
 E a rosa despedaçada
 O cravo ficou doente
 A rosa foi visitar
 O cravo teve um desmaio
 E a rosa pôs-se a chorar”*

Esse tempo vivido na fazenda, relativamente curto até os cinco ou seis anos de idade, possibilitou lembranças e processos importantes marcados pela/na memória afetiva, de tal forma que algumas dessas canções e brincadeiras se fazem presente em minha atuação profissional ainda hoje, onde posso provocar e compartilhar brincadeiras e canções aparentemente simples que não dependem de nenhum outro recurso a não ser o envolvimento do corpo por meio do uso da voz, dos jogos teatrais e do próprio jogo simbólico, demonstrando o quanto a constituição cultural perpassa e atravessa meu modo de ser professora.

Do tempo vivido na cidade de Buriti Alegre, dos seis aos dez anos de idade, trago as lembranças especiais das brincadeiras de pique-esconde, de banhos no chafariz na praça, das aventuras pelas ruas da cidade, ao ir e voltar para/da a escola, uma vez que minha mãe nos dava essa responsabilidade. Íamos e voltávamos sozinhos para a escola e nesse trajeto muita coisa acontecia. Em virtude das privações vividas neste tempo, também trago a lembrança de já ser inserida no mundo do trabalho a partir dos nove anos de idade, auxiliando uma senhora na faxina semanal de sua casa e de transformar esses momentos também em diversão, pois podia ver um pouquinho de televisão, já que não tínhamos esse acessório em casa e também brincar na cama de mola do quarto de visitas, como se fosse um pula-pula quando Dona Carolina dava uma breve saída. Ainda no mundo do trabalho já vivido nesse tempo, eu e meus irmãos, vendíamos sabão feito por nossa mãe pelas ruas da cidade na tentativa de auxiliar no sustento de nossa família. Trago essas memórias mais uma vez para destacar o quanto a criança cria novas possibilidades diante do que vive. Não via o dia de ir auxiliar na faxina da casa, como algo ruim, ao contrário, até gostava, pois ali seria bem cuidada. Já ao chegar, recebia um bom

café da manhã, depois um bom almoço, nunca saía ao fim do dia sem um bom lanche da tarde, era paga pelo serviço realizado, dinheiro que podia utilizar para comprar alguma coisa para casa e ainda criava minhas brincadeiras sempre que dava.

Outra marca vivida neste tempo que jamais me esqueci, foi o encontro com livros de literatura, especialmente os clássicos. Interessante que esse encontro não aconteceu na escola e sim na casa em que minha mãe trabalhava. Os donos da casa tinham uma situação econômica bastante favorável e quando minha mãe me levava para lá para auxiliá-la ou para que não ficasse sozinha em casa, sua patroa mandava que eu fosse brincar com sua filha, uma criança praticamente da minha idade. Em algumas dessas vezes, Milena, filha da dona da casa me perguntou do que eu gostaria de brincar, ao que eu, espantada com tantos brinquedos e opções em seu quarto, vi na estante, livros belíssimos em capa dura, e os escolhi para ler. Fiquei extremamente maravilhada com as histórias e com os livros, Patinho feio e Galinha Ruiva foram os que me lembro de ter lido em um desses dias. As páginas eram em papel duro e de imagens coloridas multifacetadas que se alternavam em outros cenários na medida em que movimentávamos o livro. Simplesmente maravilhoso poder observar aquela magia que acontecia diante dos meus olhos. Essa família era de religião evangélica e Dona Dagmar, patroa da minha mãe, sugeriu que fôssemos participar dos estudos dominicais oferecidos para as crianças da igreja. Eu gostei muito e passei a frequentar todos os domingos as atividades da escolinha dominical e ali encontrava outras histórias e canções que também marcaram bastante meu interesse pelas leituras. Embora fossem histórias bíblicas, as responsáveis pelos estudos dominicais para as crianças, tinham um jeito todo especial de nos tratar, de ler, contar histórias e cantar que me fascinavam. Trago essas três memórias para demonstrar que a constituição e o modo como vivemos as situações realmente é único e singular e que a situação social do desenvolvimento de acordo com Vigotski (1994), contempla

a relação que existe entre a criança e seu meio, a experiência emocional da criança {perejivanie}. Em outras palavras, como uma criança se torna consciente de, interpreta {e} se relaciona emocionalmente com determinado evento. É esse prisma que determina o papel e a influência do meio no desenvolvimento de, digamos, o caráter da criança, seu desenvolvimento psicológico, etc. (Idem, p. 342).

O período cursado nas três escolas pelas quais passei foi marcado por experiências extremamente tradicionais de ensino e de relação com o conhecimento. Tive muita facilidade

para compreender o sistema cultural da escrita aprendendo a ler rapidamente. Entretanto, confesso que a relação com a escola me provocava certo medo em virtude da extrema rigidez com que se davam as interações. O modo de falar das professoras de forma muito ríspida me provocava receio de fazer qualquer tipo de pergunta e obrigava-me a me concentrar para não perder nenhuma palavra dita por elas. A rotina nas três escolas foi marcada pela prática de realizar atividades em cartilhas – Caminho Suave, livros e cópias do quadro, cantar o hino nacional e por vezes o hino da bandeira. Quando estava na quarta série, as turmas desses anos de ensino, eram responsáveis pelo cuidado com a horta da escola, entretanto não havia nenhum tipo de exploração dessa atividade em sala de aula. Para citar um exemplo, da rigidez dessas instituições, e também da total submissão a que me comportava, especialmente da escola em que cursei a primeira série, lembro-me de ter feito xixi na roupa dentro da sala de aula, pois a professora saiu da sala e não permitiu que eu fosse ao banheiro antes que ela voltasse. Quando ela voltou, eu não tinha conseguido segurar e ainda fui punida novamente por ter deixado isso acontecer.

Outro fato extremamente marcante era a proibição absoluta de qualquer tipo de diálogo entre os estudantes. Essa proibição das professoras demonstrava que elas consideravam que tínhamos que desenvolver sozinhos as atividades, e que, se conversássemos, não iríamos aprender. Esse modo de compreender o desenvolvimento do estudante advém de uma interpretação ou crença de que o aprendizado ocorre, fundamentalmente, pelo exercício do próprio aluno. A forma como a criança constrói o conhecimento é centrada nela mesma. É a criança que precisa pensar e fazer. Essa concepção provém de uma interpretação exagerada ou equivocada de princípios da Escola Nova difundidos no Brasil por volta dos anos 1950 e posteriormente apropriados por um certo “construtivismo”. Ocorre que eu e meu irmão estudávamos na mesma sala e nosso material, especialmente lápis de cor, era compartilhado, entretanto nem sobre essas negociações de materiais podíamos conversar. Como nos aponta Certeau (1994), precisávamos articular, ‘táticas’ em resposta a essas proibições para conseguir atender as necessidades de nossa atividade, sem despertar a atenção da professora. Mesmo assim, com todas essas circunstâncias desfavoráveis, a escola nesse período marcou-me positivamente, sendo sempre bem-sucedida no resultado das avaliações. Como me mudei de cidade perdi o contato com os colegas e com as professoras. Entretanto, no processo de escrita desse memorial, senti muita necessidade de saber notícias da professora que me alfabetizou, por quem guardo muito respeito e gratidão. Queria buscar alguma recordação pictórica para compor essa narrativa. Não só consegui a imagem, como também consegui um encontro virtual

com Dona Zildete, minha professora da primeira série. Foi muito interessante poder conversar com ela depois de 38 anos, compartilhar que me tornei professora e dialogar sobre modos de compreender a infância e de como vivi o tempo em sua turma de primeira série no ano de 1982. Ela também pode expressar os sentidos atribuídos por ela às práticas que realizava naquele tempo e trocamos impressões sobre a educação e os desafios nos/dos tempos atuais.



À esquerda Dona Zildete, à direita encontro virtual com a Professora em maio de 2020, ao fundo, sua filha que Suzi que foi minha colega de turma em 1982.

Outras experiências marcantes do tempo escolar em Buriti Alegre foram um desfile de sete de setembro e uma atividade organizada como colônia de férias pela L.B.A - Legião Brasileira de Assistência³. Quase nunca conseguíamos participar de atividades na escola, em virtude das dificuldades financeiras pois tornava-se extremamente caro organizar roupas e acessórios para três estudantes. No caso da L.B.A. foi um momento muito divertido em que não tivemos que arcar com nada, ganhamos camisetas, participamos de gincanas e ganhamos lanches especiais todos os dias do projeto.

³ L.B.A - Legião Brasileira de Assistência - criada em 1942 com o objetivo de oferecer assistência aos filhos de soldados, permanecendo ativa estendendo suas atividades à população pobre. Em 1990 foi integrada ao Ministério de Ação Social, sendo extinta em 1995.

Eu, meus irmãos e primos – em dia de atividade
L.B.A (1984).



Eu e meus irmãos - desfile de 7 de
setembro (1984).

A mudança de cidade oportunizou o acesso a uma escola estadual e novas rotinas também se estabeleceram. Mudamo-nos para a cidade de Itumbiara/GO, onde a conciliação com a escola e o trabalho ainda precisava acontecer. Eu ajudava em limpeza de casas de vizinhos, meus irmãos vendiam picolé na rua, com o objetivo de auxiliar no sustento de nossa família. Ficamos em Itumbiara apenas um ano e meio, pois por motivo de greve na escola estadual em que estudávamos, fomos transferidos para outra escola em outra cidade, em Centralina/MG.

Cursava agora a quinta-série, estava com 11 anos completos e minha mãe matriculou a mim e a meus irmãos no turno da noite para que pudéssemos trabalhar durante o dia. Nesta cidade cursei na Escola Estadual Wilson de Melo, desde a quinta série até o terceiro ano do ensino médio.

Os primeiros quatro anos vividos nessa cidade, foram bem difíceis pois trabalhava em tarefas muito pesadas, na condição de “bóia-fria” – em todos os serviços que estivessem disponíveis, fosse na lavoura de algodão, tomate, feijão, cana-de-açúcar, milho etc. A dedicação escolar era feita durante as aulas e nos finais de semana. Fiquei nessa condição de 1986 a 1989. Até o ano de 1989, sempre na companhia de meu irmão do meio, José Rúbens, companheiro de todas as horas na escola e no trabalho. Em abril de 1989 consegui um trabalho em uma loja de produtos diversificados na cidade e passei a trabalhar em algo um pouco mais leve. Finalizei o ensino médio em 1992, optando por uma formação técnica em Contabilidade.

Minha vida escolar nesse período foi marcada pelo cumprimento de todas as tarefas sem grandes destaques, especialmente porque não tinha muito tempo para me dedicar aos estudos, uma vez que trabalhava todos os dias segunda a sexta, das 7:30 às 17:30 e no sábado das 7:30 às 19:00, restando apenas o domingo de folga. Houve também um fator que complicou bastante minha vida escolar e que só se revolveu depois de eu ter finalizado o ensino médio. Eu percebia que minha visão ficava embaçada e não enxergava bem as atividades escritas no quadro. Isso aconteceu desde a primeira série do ensino primário, entretanto, não sei explicar se eu não me queixava para as professoras, ou se não me davam ouvidos. Lembro-me que em casa, depois que já tínhamos televisão, algo que aconteceu por volta de meus 10 anos de idade, eu sentia necessidade de ficar muito perto da TV, mas não sabia explicar as razões, não entendia que havia algo errado. Por conta disso, na escola, eu nunca copiava diretamente do quadro. Sempre me sentava atrás ou na frente do meu irmão pois assim podia copiar de seu caderno todas as atividades. A partir da quinta série no ensino noturno, fiz amizade com uma colega e então, ou copiava do meu irmão ou copiava do caderno dessa amiga.

Essa situação só se resolveu em 1993, eu já estava com dezoito anos quando fiz um exame de vista, e ficou constatado a miopia em grau bastante elevado. Entretanto, apesar de tantos desafios, nunca tive nenhuma reprovação e era considerada sempre uma das melhores alunas da turma. Hoje avalio quanta responsabilidade temos em nossas mãos na escola. Escutar nossos estudantes, prestar atenção nos detalhes, nas entrelinhas, no que não é dito, perceber suas histórias, sentimentos e necessidades, ‘auscultar’, verbo que vai muito além de ver e ouvir, compreende procurar saber, inquirir, investigar, ou seja, interessar-se verdadeiramente por todos os elementos que compõem a formação de nossos estudantes e que podem interferir no processo de desenvolvimento escolar e humano. Avalio ainda que o ensino noturno pressupõe que o estudante trabalhe, portanto, centre mais as atividades a serem feitas na escola. Esse é um fator positivo pois o estudante não fica prejudicado, já que não conseguirá mesmo realizar as atividades uma vez que normalmente, é trabalhador, entretanto também compromete a formação dos estudantes pois há uma menor exploração dos conteúdos. No período de minha formação no fundamental II, por indicação da professora de Língua Portuguesa, lembro-me de ter lido apenas dois livros de literatura da coleção vaga-lume: “Escaravelho do Diabo” e “Sozinha no mundo”. Essas leituras, que por sinal me marcaram bastante, foram feitas na sexta e sétima série. Em nenhum outro ano escolar foram sugeridas outras leituras. Mesmo assim, embora poucos, os encontros com a literatura foram suficientes para encantar-me profundamente com esse signo cultural.

Considerarei importante esse resgate por elementos fundantes do meu desenvolvimento pois os mesmos têm relação direta com minha atuação na educação e com a professora que me tornei ao longo desses quinze anos. Além disso, aproveito a oportunidade da escrita para explicitar que todas as dificuldades pelas quais passei, não foram determinantes para que eu fracasse nos estudos e em meus objetivos de alcançar uma formação e conquistar um espaço importante na sociedade. Para mim essa reflexão também se faz necessária, inclusive para nos alertar nas discussões acerca das condições concretas de vida dos estudantes e das formas possíveis que a escola pode atuar para auxiliar nesse processo tão difícil e complexo, buscando minimizar as desigualdades frente ao cotidiano escolar. As condições socioeconômicas e culturais não precisam e não podem determinar o fracasso escolar e a escola pode atuar de forma a amparar esses estudantes para que obtenham sucesso! Às vezes, aparentes pequenos cuidados com a infância e com a criança fazem diferença numa vida inteira.

Quero destacar aqui dois elementos fundamentais que me impulsionaram sempre que me via diante das dificuldades: o primeiro deles foi uma meta, ou um objetivo construído desde a mais tenra idade em ajudar meus pais a terem um lugar para morar na zona rural, para que meu pai deixasse de trabalhar para os outros e tivesse seu próprio canto. Desejava auxiliar minha família e não via outro caminho que não fosse por meio dos estudos. O segundo, foi justamente a crença da minha mãe de que por meio dos estudos “seríamos alguém na vida”. A seu modo empreendia esforços e não permitia jamais que seus filhos desistissem de estudar e tudo fez para que essa meta fosse cumprida. Aos meus maiores ídolos, meu pai e minha mãe dedico a minha eterna gratidão!

Eu e meus pais, 2015.



RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: no tempo e nas relações concretas vividas, formação acadêmica e atuação profissional (1996-2020)

O mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado.

(Vigotski, 1989:37).

A psicologia histórico-cultural, sustenta para mim, o modo de compreender e explicar minha própria história, bem como o desenvolvimento humano. O encontro com essa teoria se deu já no segundo ano do curso de pedagogia e a mesma me foi apresentada pela professora e amiga Dra. Myrtes Dias da Cunha.

- O ENCONTRO E O ENCANTO COM A EDUCAÇÃO: atuação da rede municipal de Uberlândia e a formação em Pedagogia

A decisão pela graduação em Pedagogia se deu de forma muito interessante. A princípio, essa não era minha primeira opção. Sempre com a preocupação voltada para o mundo do trabalho, no Ensino médio optei pelo curso Técnico em Contabilidade, finalizado em 1992 e iniciei uma graduação em Ciência da Computação em Ituiutaba/MG no ano seguinte, em 1993. Entretanto, novos projetos de vida que envolveram o casamento e a mudança para a cidade de Uberlândia transformaram os rumos da minha escolha. Assim que cheguei a Uberlândia em 1994, comecei a trilhar caminhos de atuação profissional e foi nesse intento que fui aprovada em um concurso público para o cargo de Oficial Administrativo em 1995. Para minha surpresa, ao ser nomeada para ocupar minha vaga em 1996, a designação veio para a atuação na Escola Municipal Cecy Cardoso Porfírio – Anexo, situada no bairro Luizote de Freitas, onde desempenharia o trabalho técnico e administrativo da escola.

Foi assim que se deu meu encontro com a área da Educação e com profissionais extremamente comprometidos com as crianças e com um trabalho que envolve a formação humana. Nesta instituição, trabalhei no período de abril de 1996 a março de 2003. Como a escola era pequena eu acabava acompanhando todas as atividades que ali aconteciam. Fazia o meu trabalho que estava relacionado à toda a parte administrativa e ainda acompanhava de perto o trabalho da diretora, Maria de Lourdes da Silva Ramos, profissional que eu admiro extremamente por sua humanidade, competência e compromisso com a educação.

Acompanhava o planejamento e diálogos das professoras entre si e com a supervisora da escola e via o quanto era importante planejar juntas e pensar possibilidades para o trabalho com as crianças. Eu ajudava na preparação das atividades, por meio da xerox ou do mimeógrafo e nesses momentos ficava imaginando como as crianças iriam interagir com aquelas propostas.

Em algum dia do mês de setembro de 1998 a professora Maria Aparecida Silva Machado, que atuava na 1^a série, como era denominado na época, entrou na secretaria emocionada para compartilhar com a diretora da escola as percepções sobre o processo de alfabetização de seus alunos. Ela estava muito feliz e satisfeita com o trabalho que havia desenvolvido durante o ano pois praticamente todos os estudantes estavam alfabetizados e ainda faltavam dois meses de aula, o que possibilitaria atender de forma mais específica as crianças que não haviam alcançado os objetivos propostos. Eu já estava observando essa relação há um tempo na escola, inclusive me chamava muita a atenção alguns modos de compreender a criança e seu comportamento. Nesse dia a emoção de Maria Aparecida acolhida pela diretora Maria de Lourdes que vibrou junto com a professora, também passou a fazer parte dos meus desejos.

Indaguei-me sobre como seria gratificante conviver com as crianças e contribuir com o seu processo de desenvolvimento escolar. Além disso, eu já estabelecia algum contato com elas, especialmente com uma criança que tinha um comprometimento intelectual e que não se adaptava em sua turma, rasgando as folhas de atividades ou fazendo barulho constante na sala. Cabe aqui destacar que se tratava de uma escola pública e que o número de estudantes variava entre 27 e 33 crianças por sala. Essa criança sempre era levada para a secretaria quando fazia algo desta natureza e na maioria das vezes eu deixava o que estava fazendo para estar com ela, fosse desenhando, jogando ou brincando de alguma forma em que pudesse acolhê-la. Percebia essa aproximação como um caminho possível de estabelecer interação com ela e obtinha respostas positivas. Ela demonstrava compreender os comandos dos jogos que eu explicava e também se interessava quando eu propunha que desenhássemos juntos. Eram momentos muito gratificantes para mim e que me provocavam muitas reflexões sobre o modo como a criança com algum comprometimento era acolhida no espaço escolar.

Eu que já vinha buscando um caminho a seguir na área acadêmica e me encantava cada vez mais com a área da educação e com essa possibilidade de estar com as crianças, percebi que seria uma formação que poderia me identificar e com total confiança na minha amiga Maria de Lourdes a indaguei sobre o que achava de eu fazer pedagogia, ao que ela respondeu “Tenho

⁴ Nesse período, ainda não havia sido implementado o ensino fundamental de 9 anos e as crianças com 6 anos de idade ainda pertenciam à educação infantil.

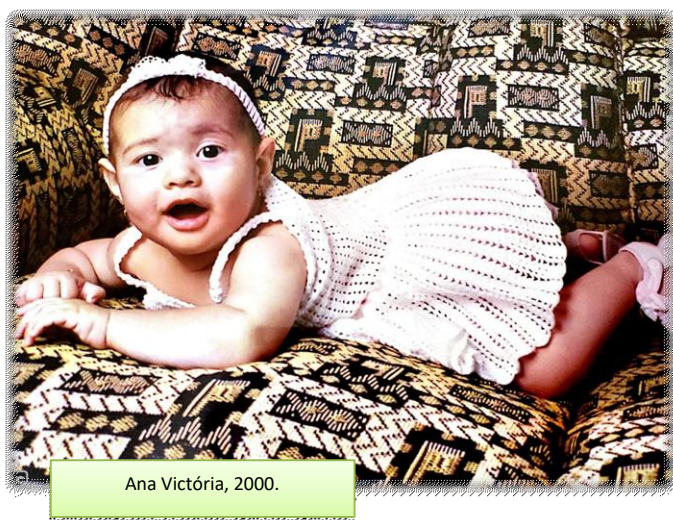
certeza de que você será uma excelente professora Núbia!”. Entusiasmei-me, prestei o vestibular e em 1999 iniciei minha graduação em pedagogia, novamente no curso noturno, na Universidade Federal de Uberlândia.

Um novo horizonte de compreensão de mundo se abria para mim. O primeiro ano do curso foi extremamente interessante. As disciplinas que mais me marcaram nesse ano foram História da Educação, Sociologia, Filosofia da Educação e Metodologias e Técnicas de pesquisa - MTP. Especialmente autores como Mario Allighiero Manacorda (2006). Karl Marx (1818 - 1883) e Friedrich Engels (1820-1895), Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e Immanuel Kant (1724-1804). Antonio Joaquim Severino (2002). Pude entender o modo como o processo de escolarização e as escolas foram se constituindo ao longo da história sob as influências de autores que buscavam compreender e explicar as relações em sociedade. Além disso pude perceber processos de desigualdades sociais, submissões e alienações vividos por mim e por minha família, explicados nas leituras que fazia, nas discussões em grupo e exposições dos docentes.

Evidenciou-se para mim como os interesses políticos comprometem as organizações dos sistemas de ensino, assim como a fragilidade das classes sociais menos favorecidas submissas aos sistemas educacionais disponíveis na rede pública. Compreendi um pouco melhor minha própria trajetória escolar e fiquei extremamente convocada a compreender os processos relacionais estabelecidos na escola. A disciplina de MTP impulsionou-me para essa possibilidade. Além das indagações que eu já trazia de minha trajetória, em meu trabalho, por se tratar de uma escola pequena, muitas vezes, chegavam até mim, queixas dos docentes sobre as crianças, tanto nos aspectos da aprendizagem, quando do comportamento. Via muitas vezes nessas queixas, mesmo sendo aluna iniciante da graduação, um tratamento que as tornava “invisíveis”.

Parecia que as crianças tinham sob sua responsabilidade, atender às expectativas produzida pelas/os professoras/es, acerca da forma de ensinar e aprender. As queixas “eles conversam demais” eram constantes e eu me perguntava: Como podem aprender sem dialogar uns com os outros e até mesmo com a professora? Vinham à tona, lembranças de minha experiência como aluna de escola primária. A forma de tratamento recebida, a rigidez, a invisibilidade que sentia estando entre quase trintas pessoas. Estranha sensação! Aprender com o outro, mas sozinha?!! Inquietações que me faziam dialogar com as leituras empreendidas no curso de graduação.

Bem no comecinho do ano 2000, tive minha primeira filha, que nasceu em meio a todas essas minhas indagações e inquietações em um momento de muita explosão de curiosidade e potência. A formação acadêmica fora agora atravessada pelas inquietações também da maternidade. Como conciliar a experiência única da maternidade, o trabalho e as atividades do curso de Pedagogia? Novos desafios! Minha filha passou a fazer parte dos meus momentos de estudos e pesquisas entre dias e noites dedicadas à ela e à formação. A experiência da maternidade foi única e maravilhosa. Se já me inquietava com tantas questões em relação à compreensão sobre o desenvolvimento humano, agora possuía mais uma razão para estar atenta a tudo que aprendia. Queria entender todas as manifestações de minha pequena!



Reorganizei minha rotina e mesmo com uma bebê, não interrompi meus estudos, seguindo firme em meus objetivos. Sob a orientação da Profª Drª Myrtes Dias da Cunha, que nos anos 2000 e 2001, ministrou a disciplina “Psicologia da Educação I” e “Psicologia da Educação II”, respectivamente, momentos de muito

proveito para compreender, inclusive os processos vividos na relação com Ana Victória, a mais doce recém-chegada à minha vida, pude tecer significados acerca do modo como nos relacionamos com/na história em sociedade. Em 2001 e 2002, cursei as disciplinas optativas denominadas de monografia I e II respectivamente, sob a orientação da Profª Myrtes.

O encontro com outros dois grandes autores marcou muito minha formação. O sujeito “assujeitado”, vigiado, produzido no “panóptico” das ‘escolas prisões’, que não conseguem fugir ao que o sistema coloca para ser ensinado e aprendido, conhecido em algumas leituras iniciais de Michel Foucault, me incomodava. Recusava-me a aceitar que estava me formando professora para ser (re)produzida e (re)produzir sujeitos dentro de um sistema já organizado para isso. Tinha que haver uma saída, eu não poderia fazer parte deste processo de alienação e subjugação das crianças com as quais iria me defrontar em breve. Muitos diálogos, reflexões, estudos e o contrapontos sobre esse mesmo sujeito foram possíveis nas leituras do próprio Foucault (1989, 1996), e também em Certeau (1994). Esses autores, e especialmente Vigotski (1989, 1996, 2000), ajudaram-me a consolidar um modo de compreender as relações educativas, bem como o cotidiano escolar como espaços e tempos de vida e potência marcados

pelas/nas relações concretas e permeados pela constituição dos sujeitos nas inter-relações entre si e com o conhecimento. Nesse contexto, o/a professor/a possui uma grande responsabilidade e um papel essencial e determinante.

Ao final do curso de pedagogia sob a orientação da Prof.^a Myrtes, produzi uma monografia como registro do aprofundamento possível nos estudos, intitulada “*O professor, sua prática e o processo de constituição da criança disciplinada/indisciplinada no cotidiano de salas de séries iniciais do ensino fundamental*” e desse aprofundamento, nos estudos, nasceu meu projeto de mestrado que iniciei assim que finalizei a graduação em 2003. No final do ano de 2002 prestei um concurso e fui aprovada para o cargo de professora de Pré a 4^a para atuar na rede municipal de Uberlândia.

- Formação no Mestrado e início da carreira docente

A formação no mestrado possibilitou-me compreender e aprofundar um pouco mais sobre o tema que muito me incomodava. As relações estabelecidas na escola entre professores e estudantes e que marcava o modo como se dava o processo de ensino aprendido. Por ter conseguido auxílio financeiro no programa de bolsas do Cnpq, solicitei uma licença para interesse particular (LIP)⁵ do cargo que tinha na Prefeitura Municipal de Uberlândia e pude me dedicar integralmente aos estudos. Usufruí da licença por dois anos e quando teria que retornar para o trabalho, optei por solicitar a exoneração do cargo pois já estava almejando atuar como docente.

Em 2004 fui convocada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia para tomar posse no cargo de Professora de Pré a 4^a série que havia sido aprovada anteriormente, entretanto, naquele momento, a carreira de professor na rede municipal não valorizava a graduação e nem o título de mestre que eu já estava prestes a conquistar. Por esta razão, eu ficaria três anos recebendo provimentos relativos ao nível de professora “PI”⁶, que correspondia ao menor nível da carreira, só podendo progredir depois de findado o estágio probatório de três anos. Esse fato me fez assinar a desistência da vaga e seguir adiante em busca de novas possibilidades.

⁵ Licença para interesse particular sem remuneração.

⁶ Professor PI – correspondia ao nível mais baixo da carreira e naquele momento todo o professor/a que tomasse posse entraria nesse nível da carreira, mesmo com qualificação acima da exigida, só progredindo para outro nível depois do estágio probatório de 3 anos.

Sob a orientação da Prof^ª Dr^a Myrtes desenvolvi no mestrado, uma pesquisa que discuti os modos de constituição da professora e das crianças na escola, considerando padrões de comportamento estabelecidos. Nas disciplinas feitas no mestrado, aprofundei em conceitos de autores contemporâneos importantes tais como John Dewey, Paulo Freire, Antônio Flavio Moreira e fui construindo um modo de compreender o cotidiano escolar e as práticas educativas como espaço e tempo fundamental na relação educativa que precisa ser objeto de atenção e estudos atentos dos profissionais, buscando romper com a naturalização de práticas opressoras.

Defendi a dissertação de mestrado intitulada “*A (in)disciplina na escola e o processo de constituição de sujeitos no cotidiano da sala de aula*”, em 25 fevereiro de 2005. Os/as professores/as que compuseram a banca foram Prof^ª Dr^a Myrtes Dias da Cunha – UFU (orientadora), Prof^ª Dr^a Silvia Maria Cintra – UFU e Prof^o Dr^o Júlio Roberto Groppa Aquino – USP, indicaram o trabalho para publicação. Entretanto, em virtude de tantas atribuições vividas em seguida à defesa, e aos anos que se seguiram sempre envolvida com tantas outras coisas, só agora o material encontra-se no prelo para publicação na editora.

Minha atuação como docente iniciou-se no mesmo período de finalização e defesa da dissertação de mestrado. Ingressei na Eseba/UFU por meio de um processo seletivo para contratação de professor substituto em fevereiro de 2005 para atuar na área de Educação Infantil. Nesse mesmo ano participei do concurso para contratação de professor efetivo para essa mesma área sendo aprovada em segundo lugar para um edital de uma vaga. Um ano depois, antes que finalizasse meu contrato de professora substituta, surgiu mais uma vaga na área e fui nomeada para a posse no Cargo de Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) em 22 de setembro de 2006.

A citação colocada como epígrafe do início desse capítulo demonstra meu modo de me apropriar das experiências concretas na formação acadêmica. Essas experiências foram se traduzindo em cores e formas na construção e apropriação de sentidos próprios tal como discute Smolka (2004) nas/com as oportunidades de estudos, leituras, relações dialógicas com os colegas na graduação e no mestrado, bem como as relações vivenciadas com os professores e especialmente com minha orientadora. Vozes, cores, gestos dialógicos e polifônicos (BACKTIN, 2014) experimentados na relação histórica e traduzidos em minha forma de compreender e atuar nas/com as relações de ensinar e aprender.

ATIVIDADES DE ENSINO: carreira docente na Escola De Educação Básica Da Universidade Federal de Uberlândia

“O mundo deve às crianças alguns gestos que lhes foram subtraídos. Gestos corporais, gestos de atenção, gestos de ficção e gestos de linguagem [...] Existe alguma coisa a mais: distender, demorar e alongar o tempo das crianças [...] deter-se com elas numa linguagem que quer brincar com a linguagem” (SKLIAR, 2014, p. 178).

Embora já tivesse uma experiência de sete anos atuando na educação, me formado em pedagogia e concluído o mestrado em educação, assumia agora um novo lugar. Sempre fui atuante em todas as ações da escola que trabalhei. Participei da elaboração do Projeto Político e Pedagógico na rede municipal, estudei os projetos implementados na escola, especialmente um pelo qual construí muito apreço denominado E.P.D. – Ensino/Educação Pelas Diferenças. Projeto que tinha como princípio promover o ensino-aprendizado respeitando as diferenças de todas as ordens com/das crianças. Apropriei-me de muitos sentidos acerca dos modos de compreender a infância, entretanto, era a primeira vez que atuava em sala de aula como professora regente de um grupo. Experiência extremamente desafiadora. Trazia comigo alguns princípios importantes e foram eles que me sustentaram diante dos novos desafios:

- Buscar desenvolver uma prática coerente com os referenciais teóricos que colocavam a criança como um sujeito (cri)ativo na relação educativa;
- Entender o conhecimento como elemento desencadeado por meio das relações e (inter)ações estabelecidas no espaço escolar em que todos tinham a contribuir;
- Buscar possibilidades de atuação que pudessem transformar o espaço escolar em um lugar atraente e instigante que convidasse e inspirasse as crianças. Que provocasse nelas o desejo de estar e de voltar para a escola;
- Promover uma relação educativa que levasse as crianças a se sentir parte e corresponsáveis pelas atividades desenvolvidas e que despertassem o interesse pelos processos pedagógicos ali vivenciados;
- Construir para mim um sentido de ser professora que ultrapassasse as experiências anteriores já vividas como estudante.
- Discorrer com as crianças sobre/com os conhecimentos e signos culturais historicamente acumulados socialmente pela humanidade, valorizando suas

experiências, trazendo à tona a prática social desses componentes de forma a fazer sentido para elas;

- Auscultar as crianças em suas mais diversas necessidades e interesses no espaço escolar.

Após mais de vinte anos na área da educação ainda carrego comigo esses princípios, hoje talvez de forma mais madura e sustentada pelos referenciais construídos na formação acadêmica e profissional. Peço licença ao leitor para trazer um trecho de minha tese de doutorado onde traduzo, de forma singular, o modo como empreendi meus esforços nessa direção,

Minha forma de olhar para as crianças com as quais eu estava atuando fazia-me enxergá-las como sujeitos dotados de expectativas, de histórias e de formas de compreender o mundo também importantes para as relações pedagógicas. Desse modo, meu trabalho atrelado à proposta pedagógica da escola, trazia para a sala de aula o encantamento, meu e das crianças, por aquilo que ali construíamos; colocava-me diante delas como alguém que também aprendia, alguém que descobria junto com elas os conhecimentos presentes na proposta curricular. Fazíamos, juntas, o nosso dia a dia. Por meio de canções, peças teatrais, projetos de pesquisa, brincadeiras e jogos, íamos para a escola para vivenciar todas as possibilidades de descobertas. Preparar a terra, plantar e acompanhar o crescimento de pés de girassol, feijão, cenoura, estabelecendo as relações entre as formas de vida e de seu desenvolvimento, bem como suas características, como altura, formas e cores, registrando tudo isso por meio de observações sistemáticas em diários de campo. Eram ações condizentes com a minha forma de conceber o ensino e minha relação com as crianças. Fazer experiências simulando voos, visitar museus, bibliotecas, zoológicos, aquários, acompanhar o desenvolvimento de uma lagarta em sala de aula em todas as suas fases, assistir a filmes e documentários, construir brinquedos e jogos eram atividades que faziam parte da nossa rotina. Carregava comigo uma preocupação e uma convicção: a escola pode e precisa ser atraente para as crianças. Dentre todas as atividades que marcavam o meu trabalho, a literatura era algo diário e permanente e colocava-me diante de um encantamento que me chamava a atenção pela forma como as crianças recebiam tal momento. (GUIMARÃES, 2017:18)

Nesta perspectiva, atuei de 2005 a 2019 na Educação Infantil em turmas de primeiro e segundo período, perpassando pelo espaço da coordenação de ciclo em 2014 e brinquedoteca em 2015. Mas a maior parte do tempo, trabalhando especialmente com a metodologia de projetos de modo a transitar por diferentes temas, linguagens e elementos do cotidiano, buscando garantir uma educação permeada pela pesquisa, pelo lúdico, pela brincadeira, pela potência e latência das crianças como sujeitos criativos. Minha atuação profissional foi sendo guiada por estudos e pesquisas que buscavam fundamentar na prática, os princípios elencados

no início deste tópico. Portanto, estudei e acompanhei autoras como Maria Carmen Silveira Barbosa (UFRS) e Maria da Graça Sousa Horn (UFRS), Anete Abramowicz (UFSCar), Ana Lúcia Goulart de Faria (Unicamp), dentre as principais estudiosas engajadas na defesa da infância e atuantes na construção de propostas que respeitem os direitos dos pequenos.

Inspiração constante para meu trabalho e minha relação com as crianças, fui compartilhando com elas a ideia de que os objetivos da Educação Infantil devem garantir os direitos das crianças, conhecimento e proteção, além de romper com o modelo assistencialista e escolarizante, sendo fundamental e necessário articular os campos de experiência com as mais diversas áreas de conhecimento. Foi com base nesse modo de compreender a relação educativa e o meu trabalho como professora na Educação Infantil que desenvolvi diversos projetos ao longo desses quinze anos.

Quando ingressei na Eseba em 2005, havia um programa institucional denominado “Programa de Iniciação Científica Discente” (PICD) que se estendia a todos os alunos da escola, exceto para a Educação Infantil, por ser um programa ainda novo e prever especificidades de agrupamento das crianças. Além dos componentes curriculares já previstos em cada disciplina, esse programa, visava ampliar a formação dos estudantes para/com a iniciação científica. Era estruturado por meio de temas gerais sugeridos pelos estudantes e organizados pelos docentes em grandes áreas de conhecimentos. Dos assuntos gerais eram extraídos temas mais específicos que iam se subdividindo de modo a elencar problemáticas de pesquisa a serem desenvolvidas pelos estudantes. O mais extraordinário nesse programa é que ele previa o agrupamento de pesquisadores/estudantes por temática e não por idade cronológica.

Deste modo, os estudantes recebiam a listagem de temas gerais e subtemas e se inscreviam nos grupos em que a temática lhes atraísse. Essa organização possibilitava que, em um mesmo grupo, se reunissem crianças de várias idades. Eu assistia ao movimento da escola, no dia de encontro deste programa, de forma maravilhada. Via acontecer na prática a relação educativa que propiciava o encontro entre sujeitos mais e menos experientes, assim como valoriza Vigotski (1989) como processo importante nas/das relações educativas. As pesquisas desenvolvidas eram orientadas pelos docentes que se subdividiam entre as temáticas durante todo o ano. Como culminância do processo vivido, era realizado o *Congresso de Iniciação Científica Discente* sempre ao final do ano letivo, onde os estudantes apresentavam os resultados de suas pesquisas.

No ano de 2006 a equipe de Educação Infantil desejou fazer parte do programa e em virtude da idade das crianças e da necessidade de manter o/a professor/a de referência dos grupos, fez algumas adequações para que os estudantes fossem reconhecidos como pesquisadores dentro do Programa Institucional. Deste modo, a partir deste ano, as crianças da educação infantil passaram a compor os grupos de pesquisadores da escola e os projetos de pesquisa desenvolvidos passaram a integrar espaços dentro do Congresso realizado anualmente. Entretanto, cabe aqui destacar os desafios que a área de Educação Infantil enfrenta, dentro e fora da escola, para ter seu trabalho com projetos de pesquisa desenvolvido com as crianças, reconhecido como trabalho de iniciação científica discente.

Precisamos fortalecer os argumentos e ampliar as discussões dentro e fora da escola, inclusive em investigações, diálogos e produções acadêmicas neste campo. Deste modo saliento que, considerar o trabalho pedagógico organizado por meio de projetos de pesquisa, como iniciação científica para/com as crianças implica retomar a definição deste conceito. Sendo assim, cabe destacar que a iniciação científica proporciona o contato com novas descobertas e a multiplicação de conhecimentos, utilizando uma metodologia científica para identificar e resolver problemas ou curiosidades do grupo, de modo a levar a inquietação e a construção de caminhos para se resolver tais questões pelos estudantes. O papel do educador é instigar o grupo para o interesse científico e contribuir para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos, levando-os a observar, registrar, comprovar ou descartar hipóteses sem simplificar a linguagem e nem infantilizar. Buscando e levantando junto ao grupo as fontes de pesquisas seguras para que os estudantes possam experimentar momentos de entrevistas, pesquisas, esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre o tema pesquisado, podendo levar a generalizações do conhecimento de caráter científico e comprovado por meio dos instrumentos de pesquisa.

O trabalho com a pesquisa implica alguns passos a serem seguidos, quais sejam: percepção pelo/a docente acerca dos interesses do grupo, ou definição do tema pelo coletivo de crianças, ou seja, à qual problema se busca entender melhor ou resolver; levantamento de hipóteses acerca do problema ou tema de estudo combinado; estruturação de possíveis caminhos e fontes de pesquisa em que se poderá investigar, por exemplo, entrevistar profissionais da área, assistir a vídeos sobre o tema pesquisado, ler revistas e livros cujas informações retratem o tema da pesquisa, realizar experiências, visitar museus, parques ou estações; construir e organizar junto com as crianças as descobertas produzidas pelo grupo acerca do tema estudado; socializar e apresentar essas descobertas por meio do portfólio ou

relatórios individuais ou coletivos que demonstrem os caminhos percorridos e as descobertas feitas na/com a pesquisa.

Infelizmente, em 2011, a Escola de Educação Básica passou por dificuldades na contratação de professores e o Programa de Iniciação Científica Discente da Eseba foi suspenso devido às dificuldades de readaptações necessárias que demandavam mais professores orientadores. O mesmo ainda não foi retomado até o presente ano. Novas práticas de iniciação científica tem sido desenvolvidas na escola, mas de modo ainda optativo, não contemplando a todos os estudantes.

Cabe aqui destacar que a proposta curricular da Área de Educação Infantil da Eseba ancora suas ações com as crianças, especialmente no trabalho com projetos de pesquisa e, portanto, continuou sua prática nessa direção independente do programa institucional. Trago aqui, ainda que de forma resumida, especialmente pelo caráter desta narrativa, os projetos desenvolvidos, bem como os elementos essenciais contemplados em cada um dos projetos desenvolvidos ao longo deste tempo de atuação.

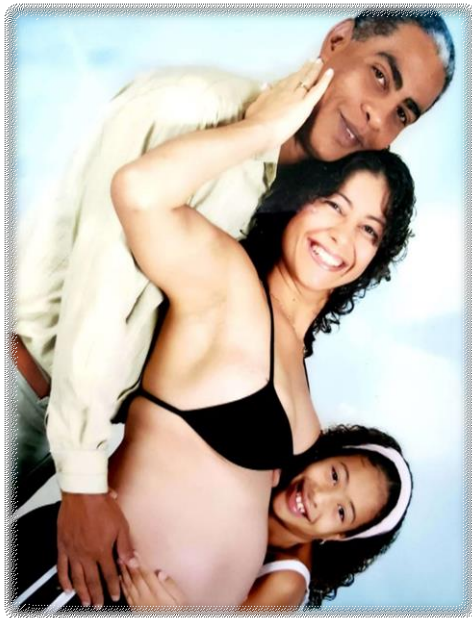
- **2005 – “Projeto Flores e subprojeto Girassol”**, dentre todas as atividades desenvolvidas no projeto destacam-se:
 - Realização de entrevistas com a professora Maria Alice do Instituto de Agronomia da Universidade Federal de Uberlândia;
 - Pesquisa sobre diferentes tipos de flores, bem como suas características, funções para o meio ambiente;
 - Preparação da terra, plantio e acompanhamento do crescimento de Girassóis na horta da escola sempre registrando em diários de bordo esse processo por meio de diferentes possibilidades – desenho, escrita, pintura, fotos etc.
 - Dramatização com ginástica historiada com apresentações para os colegas das demais turmas;
 - Exposição de registros e composição da sala por meio dos elementos construídos pelo grupo ao longo do processo vivido.
 - Músicas e brincadeiras sobre o tema;
 - Jogos: percurso, bingos, memória etc.
 - Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.

- **2006 – “Projeto Bichos que nascem do ovo”**, onde aprofundamos com as crianças:
 - Pesquisas sobre classificação dos animais, bem como suas características e formas de nascimento: ovíparos, vivíparos, ovovivíparos.
 - Confeção de cartazes – classificação, seriação;
 - Exploração de diversos tipos de ovos;
 - Descoberta de ovos de lagartas;
 - Entrevista com a professora de ciências no laboratório da escola;
 - Acompanhamento em sala de aula do processo de metamorfose da borboleta: o ovo, a larva, a pupa e o estágio adulto;
 - Comparação de pesos e medidas do tamanho dos animais com os pesos e medidas das crianças.
 - Músicas e brincadeiras sobre o tema;
 - Jogos: percurso, bingos, memória etc
 - Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.

- **2007 – “A Arte culinária”**, em que contemplamos principalmente:
 - Pesquisas sobre alimentação saudável;
 - A culinária como uma arte vivida em nosso cotidiano;
 - Exploração de diversas receitas em sala de aula com a participação da família;
 - Entrevista com profissionais da área: nutricionista;
 - Exploração da arte culinária dentro do universo de outras artes;
 - Expressão artísticas em azulejo como forma de ampliar a compreensão sobre o conceito de arte;
 - Trabalho de campo realizado em uma fazenda da Universidade para conhecer o processo de fabricação de queijo, onde aproveitamos para passear em um pônei e fazer um piquenique.
 - Criação de um Caderno de Receitas da Turma composto por receitas trazidas da casa de cada criança.
 - Músicas e brincadeiras sobre o tema;

- Jogos: percurso, bingos, memória etc.
- Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.

Em 2008 fiquei apenas parte do ano letivo em sala de aula, pois tive minha segunda filha Luíza, no mês de junho, ficando quatro meses de licença, retornando ao grupo no finalzinho de outubro. Luíza chegou para alegrar e encantar a vida de toda a família com sua doçura e quietude. No retorno da licença maternidade, desenvolvi um projeto sobre jogos em parceria com a professora que me substituiu, professora Letícia Borges Oliveira, que hoje compõe nosso quadro docente como professora efetiva em nossa instituição na área de Alfabetização Inicial.



Ao lado, Enes, Eu e Ana e abaixo, Luíza. 2008.



- **2009 – “Ocupando papéis: construindo sua identidade”** – momento de muita riqueza no desenvolvimento da identidade do grupo.
 - Ocupação de diferentes papéis sociais por meio do cuidado com um objeto de estimação do grupo: A Boneca Priscila;
 - Trabalho com diversas referências para/na construção da identidade;
 - Desenvolvimento da capacidade de cuidar de si e de outro;
 - Práticas relacionadas ao reconhecimento do próprio nome, nome dos colegas e do grupo e da mascote da turma;
 - Reconhecer-se e reconhecer o outro;

- Comparação de pesos e medidas do tamanho das crianças.
 - Músicas e brincadeiras sobre o tema;
 - Jogos: percurso, bingos, memória etc.
 - Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.
- **2010 – “Pôneis” – (re)conhecendo o mundo animal**
 - Exploração do mundo animal: classificação de diferentes espécies e suas características por meio de vídeos, recortes de revistas e confecção de cartazes;
 - Tipos de pôneis e animais da mesma família;
 - Alimentação e modos de vida dos animais;
 - Maior e menor animal da espécie;
 - Comparação de pesos e medidas do tamanho dos animais com os pesos e medidas das crianças.
 - Músicas e brincadeiras sobre o tema;
 - Jogos: percurso, bingos, memória etc
 - Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.
- **2011 – “Tubarões” – animais do fundo do mar**
 - Exploração do mundo animal: classificação de diferentes espécies e suas características;
 - Tipos de tubarões e animais da mesma família;
 - Alimentação e modos de vida dos Tubarões;
 - O mais feroz e mais inofensivo;
 - Passeio a um aquário da cidade;
 - Maior e menor animal da espécie;
 - Comparação de pesos e medidas do tamanho dos animais com os pesos e medidas das crianças.
 - Músicas e brincadeiras sobre o tema;
 - Jogos: percurso, bingos, memória etc.
 - Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.

- **2012 – “Avião” – aventura nas alturas**

- Conhecimento de diversos tipos de aviões e outras aeronaves;
- Visita ao aeroporto da cidade de Uberlândia com direito a entrar dentro da aeronave, conhecer a cabine e entrevistar o piloto e copiloto;
- Oficinas e brincadeiras com origamis, bem como lançamento e brincadeiras com aviões de papel;
- Entrevista com um Comandante de avião que esteve na nossa escola exclusivamente para ouvir e dialogar com as nossas crianças;
- Trabalho de campo visitando o Museu Histórico e Pedagógico Cerqueira César, hoje denominado Museu de São Carlos situado na cidade de São Carlos/SP;
- Comparação de pesos e medidas do tamanho dos aviões com os pesos e medidas das crianças.
- Músicas e brincadeiras sobre o tema;
- Jogos: percurso, bingos, memória etc.
- Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.

- **2013 – “Projeto Estrelas” – uma viagem pelo espaço**

- Construção de conhecimentos sobre as estrelas;
- De onde vem as estrelas;
- Composição e organização do Sistema solar;
- Observação do sol com lente protetora;
- A descoberta do sol;
- Músicas e brincadeiras sobre o tema;
- Jogos: percurso, bingos, memória etc.
- Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.
- Criação da Caixa de História de cada criança.
- Criação de uma História pela turma “A Estrelinha e seus tantos amigos” – Lançamento do livro das crianças na tarde dos Autores. (Apêndice A);
- Encontro com autores da história “Pituco” Rose Ferreira e Jéfferson Passos.

- **2017 – “Gato de Botas – outros gatos e outras botas”**

- Construção de conhecimentos sobre a história “Gato de botas”;
- Contato a várias versões da história;
- Diferenciação entre animais domésticos e animais selvagens;
- Como vivem os gatos: modos de vida, alimentação, hábitos;
- Exploração do animal de estimação de cada criança: trocas, diálogos, registros, fotos, visitas à escola;
- Exploração mais sistemática de outros clássicos da Literatura Infantil;
- Jogos: percurso, bingos, memória etc.
- Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.
- Criação de uma história pela turma “Uma História Monstruosa” – Lançamento do livro das crianças na “Tarde dos Autores.

- **2018 – “Turma da Mônica” – Viajando pelas histórias com Maurício de Sousa**

- Construção de conhecimentos sobre a história do autor Maurício de Sousa;
- Acesso a diversas histórias e detalhes da criação de cada personagem da Turminha da Mônica: Cebolina, Cascão, Mônica, Magali, Franginha etc;
- Criação, escrita e envio de carta para o autor Maurício de Sousa com direito a resposta recebida;
- Ida aos correios para postar cartas;
- Gostos e preferência de cada personagem e comparação com gostos e preferências das crianças;
- Exploração do animal de estimação dos personagens da turminha;
- Contato com diferentes versões da história;
- Exploração mais sistemática de outros clássicos da Literatura Infantil;
- Jogos: percurso, bingos, memória etc.
- Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.
- Encontro com autores da história “Pituco” Rose Ferreira e Jéfferson Passos.

- Criação de um Gibi de tirinhas pela turma “Tirinhas da Turma da Mônica” – Lançamento do Gibi das crianças na “Tarde dos Autores. Apêndice “B”;
- **2019 – “Pizza”** – experimentando diversos sabores
 - Construção de conhecimentos sobre a origem da pizza;
 - Localização em mapas geográficos dos países Egito, Itália e Brasil, países em que se originaram a massa e a pizza, respectivamente tal como a conhecemos hoje.
 - Construção de maquetes e cartazes representando os lugares envolvidos nas pesquisas: Egito, Itália e Brasil;
 - A partir do endereço de cada criança, exploração no google maps da localização da residência de cada estudante, em projeção para todos da turma, levando-os a perceber a relação e importância entre nome das ruas, número das casas, nome dos bairros etc;
 - Oficina de confecção de pizza na escola, desenvolvida em parceria com as famílias onde cada criança pode montar sua própria pizza, aprendendo sobre modos de confecção e mistura de ingredientes.
 - Gostos e preferência de cada criança frente aos diversos sabores de pizza;
 - Diálogo e construção de cartazes sobre diferentes sabores de pizza;
 - Preparação da terra, plantio de sementes de brócolis e acompanhamento diário de todo o processo de germinação e crescimento, com registros em linhas do tempo.
 - Trabalho de Campo realizado em uma Cantina Italiana da Cidade, momento em que as crianças entrevistaram um pizzaiolo, conheceram o processo de criação da pizza e participaram da montagem da nossa própria pizza que saboreamos em seguida;
 - Jogos: percurso, bingos, memória etc.
 - Registros diversos por meio de vários suportes: desenho, pintura, modelagem, colagem etc.
 - Criação de um Cardápio pelas crianças para compor nossa exposição em que montamos nossa Pizzaria – servimos pizza de verdade – Apêndice “C”;

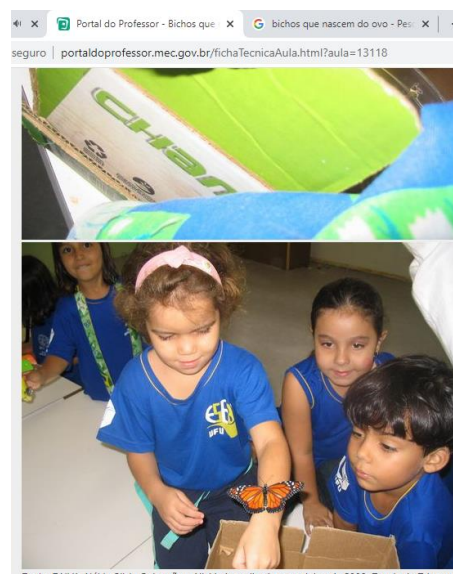
- Trabalho dialógico sobre as profissões – na exposição, em nossa pizzaria, cada criança escolheu um lugar/profissão para atuar tal como observaram no trabalho de campo: caixa, pizzaiolo, garçom/garçonete, gerente, proprietária/empresária, auxiliar de cozinha, etc;

Toda essa trajetória do trabalho com projetos sempre foi marcada pelo respeito aos interesses das crianças, seu envolvimento e disposição para a construção de sentidos para o que estávamos pesquisando. A criança é curiosa e apresenta uma extrema característica investigativa, deste modo o meu papel foi organizar e possibilitar que as curiosidades e dúvidas fossem expressas e vividas no cotidiano escolar. De todo esse percurso, os registros feitos visaram deixar as “marcas do caminho” como nos aponta Barbosa (2008), de modo que apresento abaixo um pequeno mural de alguns dos momentos vividos ao longo dessa trajetória tão gratificante para mim, a qual apresento nesta narrativa com muito orgulho por tudo que aprendi nesse tempo.



GUIMARÃES, 2009. Bichos que nascem do ovo... Parte 1. Aula publicada no Portal do professor.

GUIMARÃES, 2009. Bichos que nascem do ovo... Parte 2. Aula publicada no Portal do professor.



Fonte: PAIVA, Níbia Ribela Guimarães. Atividades realizadas em outubro de 2009. Escola de Educação



No alto à esquerda observação da estrela sol com lentes especiais pelas crianças da turma do Fogo. Ao meio foto da Lua tirada por mim e vista por todas as crianças pelo telescópio na atividade de campo no observatório do Senhor Silvestre. No alto à direita observação de estrelas no observatório do Senhor Silvestre – Atividade de campo realizada a noite! Projeto Estrelas, 2013.



Apresentação teatral “As sementinhas”, Projeto Flores, 2005



Momento de Escolha do nome da turma. 2013.



Turma do Avião.
2012.



Preparação da terra, plantio e colheita de
feijão na horta da Escola. 2013.



Momento de comemoração "Dia da família"!! 2015.



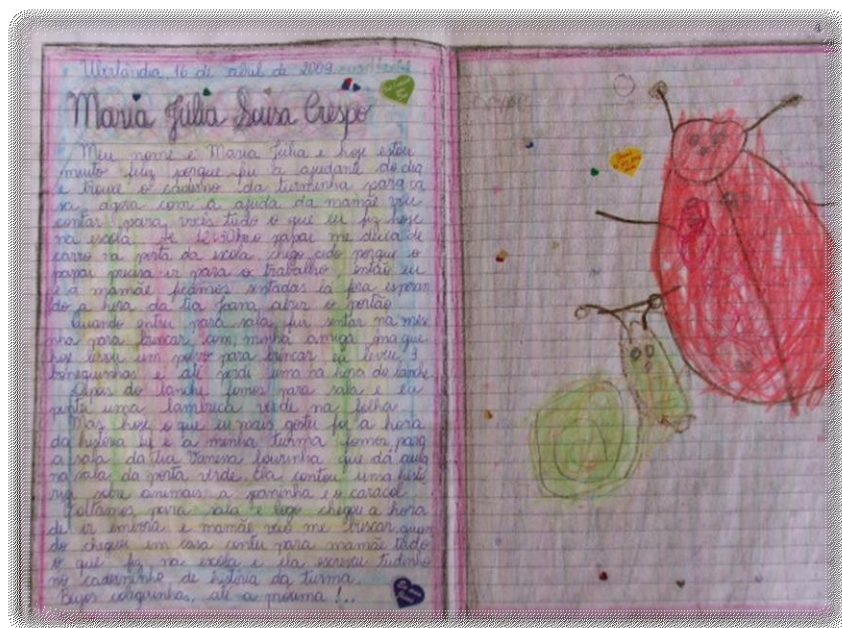
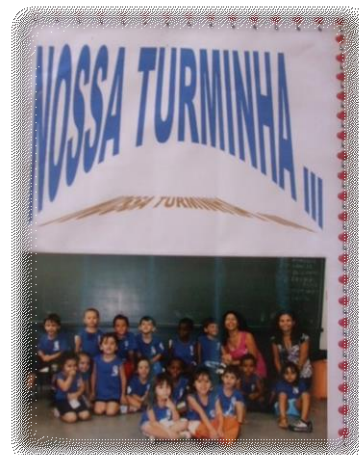
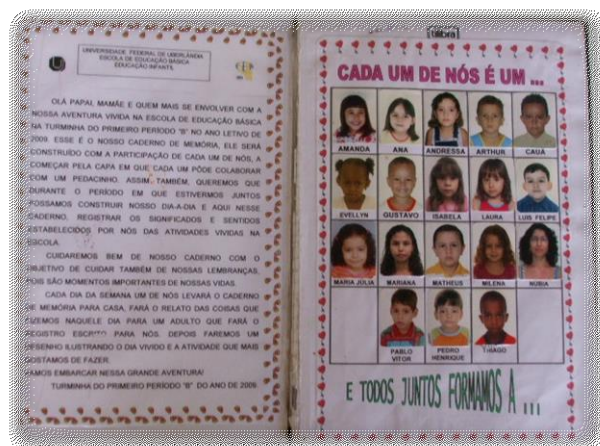
Momento de comemoração "Dia da família"!! 2019



Projeto Família COM a Escola - Oficina de Docinho de Leite Ninho. 2019. Carol mãe do Pedro.



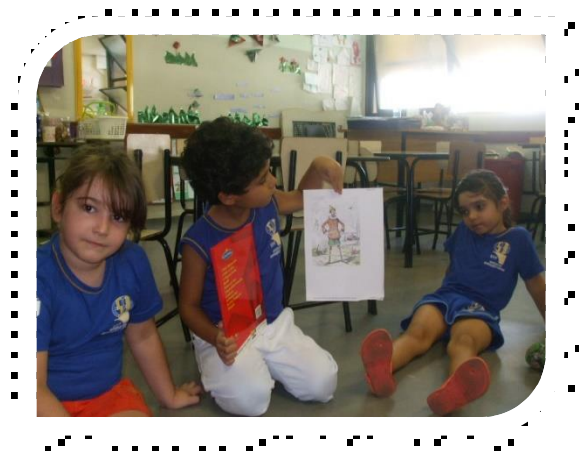
Projeto Família COM a Escola Oficina do Troca. 2019. Kellen mãe do João Lucas.



Caderno de Memórias da turma. 2009.



Confecção dos personagens para compor a caixinha de história. 2013.



Momento de diálogos e trocas em roda. 2012.



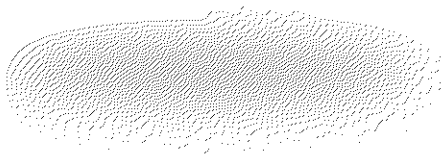
Momento de Brincadeiras livres em sala. 2012.



Brincando de pé de lata pela escola. 2012.



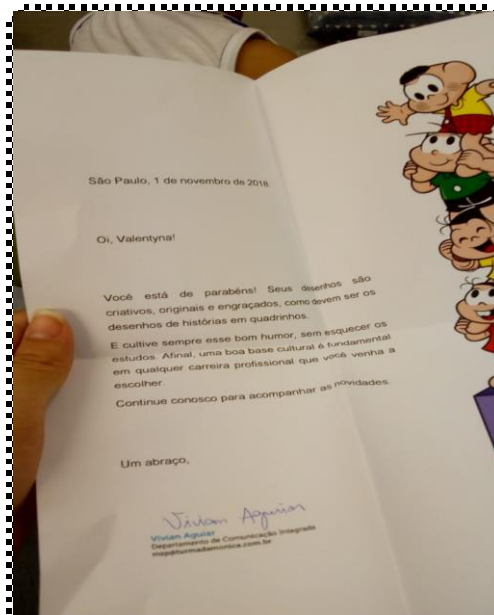
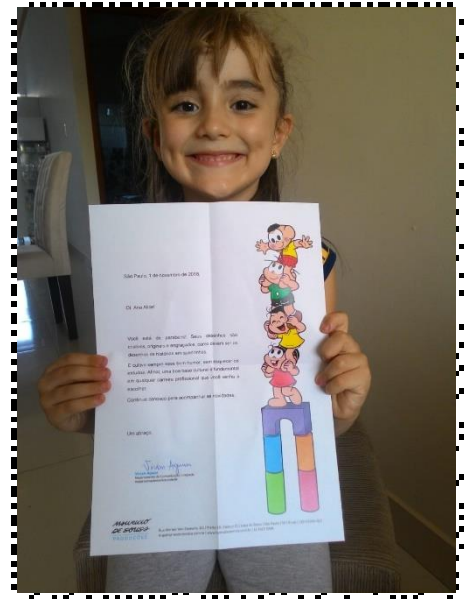
Produção pelas crianças, do convite às outras turmas para o momento de Encontro com os Autores do livro Pituco, O Gatinho, que a nossa turma Organizou. 2013.



Exposição dos trabalhos desenvolvidos no Projeto Pizza. Nossa pizzeria! 2019.



Tarde de autógrafos para os autores do "Gibi de Tirinhas da Turma da Mônica". 2018.



Essas três imagens acima referem-se ao dia em que recebemos a resposta da carta enviada ao Maurício de Sousa. 2018.



Momento em que a Borboleta que acompanhávamos em sala de aula saiu do casulo. As crianças a colocaram na plantinha para que pudesse voar. 2019.



Trabalho de Campo na *Cantina Italiana Famiglia Crosara*. Entrevista, observação, montagem da nossa pizza, degustação. Turma da Pizza. 2019.



Considerar que a constituição dos sujeitos ocorre na escola requer assumir que professores e alunos configuram-se mutuamente, porém, o professor, em decorrência do lugar que ocupa na relação – responsável pelo processo educativo - acaba dando oportunidade a situações que interferem na constituição das crianças, pois está em suas mãos a responsabilidade

de organizar atividades educativas, propor trabalhos e propiciar às crianças experiências de aprendizagem, ao mesmo tempo em que experiencia situações de convivência com os demais sujeitos da escola. Tais momentos, de uma forma ou de outra, são fundamentais para o aprendizado dos estudantes e para o próprio professor que também aprende à medida que realiza seu trabalho de ensinar. (GUIMARÃES, 2005). Adultos e crianças aprendem e se constituem também **na escola**.

Retomo essa fala que destaco em meu doutorado aqui nesta narrativa, para contar como as experiências vividas na escola com as crianças, foram despertando em mim questionamentos e desejos de compreender melhor alguns elementos do cotidiano expressados nos modos de participação das crianças, especialmente nos momentos de ouvir histórias. Desenvolvemos na Educação Infantil, uma valorização muito importante em relação ao trabalho com a literatura. Esse trabalho perpassa pela exploração livre dos livros pelas crianças no “Cantinho da Leitura” que toda sala possui em sua composição, pelo empréstimo semanal às crianças de livros na biblioteca da escola, pela leitura literária em sala de aula, por diversas atividades criativas que envolvem o texto literário em suas diferentes possibilidades e pelo Projeto Contação de Histórias, que agrupa quatro turmas juntas a fim de apreciarem momentos de escuta de histórias, por meio de diferentes recursos.

Durante a minha atuação desenvolvi muitas atividades que envolveram esse signo cultural, vinculada ou não com o projeto de pesquisa desenvolvido pelas crianças. Todas essas atividades se faziam presentes em praticamente todos os anos de atuação. Vejamos algumas delas:

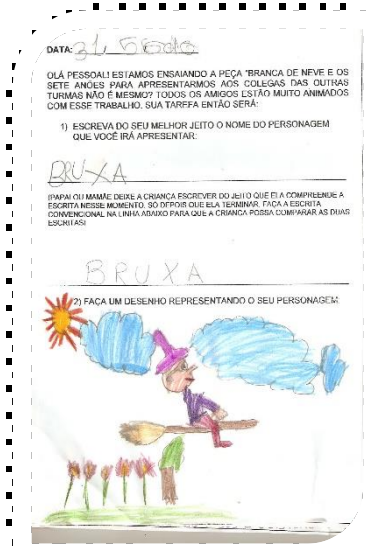
- Exploração e brincadeiras com parlendas e trava-línguas;
- Visita à Biblioteca Municipal de Uberlândia – desdobramento em cadastro das crianças na biblioteca para empréstimos;
- Produção da “Caixa de história”: atividade em que as crianças escolhiam uma obra literária para explorar. A partir daí produziam os personagens – fantoches, e compunham sua caixinha com elementos que remetia à história, fosse com objetos para colocar dentro dela, fosse compondo-a por dentro e por fora, de acordo com o que se passava na história. Acompanhava o material, colado na tampa superior, a história digitada para que os adultos pudessem ler para os pequenos, caso desejassem, enquanto a criança a teatralizava com os objetos que compunham sua caixinha.
- Construção de personagens com varetas e uso de caixa ou biombos para dramatizações e brincadeiras entre as crianças
- Brincadeiras e Histórias com sombras;

- Trabalho com obras literárias de autores da cidade, Rosi Ferreira e Jéfferson Passos e promoção de encontros com eles a fim de que as crianças tivessem a oportunidade de dialogar sobre os processos criativos dos livros que elas já conheciam. Denominamos esses momentos de “Café com os autores”.
- Produção de Cartazes e convites atraindo as demais turmas para ouvir histórias, participar das apresentações teatrais da turma ou dos encontros com os autores.
- Criação de livros e outros portadores de textos: “A estrelinha e seus tantos amigos”, “Uma história monstruosa”, Caderno de receitas, Coleção de parlendas e trava-línguas do grupo, Gibi de tirinhas da Turma da Mônica, Cardápio para a pizzeria da turma.
- Parceria e participação das famílias na/com a escola para contar histórias para as crianças;
- Incentivo à interação das crianças com o acervo de livros da biblioteca dentro de sala;
- Brincadeiras e confecções de personagens e histórias com uso de recorte e colagem, palitoques e fantoches etc;

Em um desses momentos, em 2010 minha turma estabeleceu uma relação muito particular com a história que ouvimos, “Branca de Neve e os sete anões”. Trago parte desse relato também em minha tese de doutorado:

Fui surpreendida após contar uma história e dialogar com as crianças sobre esse momento, com o convite delas para que produzíssemos um teatro. Eu, prontamente aceitando o convite, oportunistei que as crianças dessem uma direção ao nosso trabalho. Minha função foi organizar o processo, auxiliando nas escolhas de personagens, nos momentos de ensaios, nos materiais de construção de cenários, nos registros diversos explorando o desenho, a escrita, as artes visuais, o contato com outras versões da história, dentre outras. Para minha surpresa, seguiram-se três meses de trabalho com desdobramentos em várias atividades, a maioria delas sugeridas pelas crianças. Em momentos livres ou dirigidos, a repercussão do teatro aparecia. Dentre os elementos imaginativos e criativos que surgiram no grupo, estavam a organização do cenário, do próprio local onde se dariam os ensaios, a produção de convites e ingressos a serem distribuídos para os convidados a assistirem à peça. A escrita de nomes dos personagens nas cadeiras, identificando-as, cartazes, textos, enfim, ocorreu um movimento que me surpreendeu e provocou. Muitas questões acompanhavam-me durante o processo. Como uma história pode desencadear tantos desdobramentos em um grupo de crianças? Quais processos de desenvolvimento estavam sendo desencadeados nos momentos de criação? O encantamento pela história e por sua encenação vinha de onde? O que o provocava? Vivemos intensamente esse processo, entretanto, se não consegui aprofundar essas questões que me inquietavam naquele momento, elas despertaram em mim uma atenção especial para a inter-relação entre a literatura infantil, o trabalho pedagógico na escola e o desenvolvimento das crianças. A partir desse ano, comecei a prestar mais atenção nos momentos de “Contação de Histórias” e a envolver-me mais em projetos e trabalhos com a linguagem literária. (GUIMARÃES, 2017:19)

Sempre me encanto e me emociono com as experiências vividas descritas acima, vejamos algumas delas:



Acima, momentos de ensaio da peça "Branca de Neve e os sete anões", exploração de expressões diversas acerca do processo, desenho e momento apresentação no anfiteatro da escola. 2010.

Ao lado, crianças brincando no "Contador de Histórias" com seus fantoches. E com sombras por meio do retroprojeto 2013.



Como mencionado acima, organizamos com as crianças, em anos e turmas diferentes, dois encontros com a autora e o ilustrador do livro “Pituco, o Gatinho”. Eles são autores também de outras obras. As crianças gostaram muito de conhecer o processo de criação do livro que tanto amavam. Rose Ferreira, autora, contou-nos sobre como escreveu a história e que o Pituco era um gatinho de verdade. Jéfferson Passos explicou todo o processo criativo que envolveu a ilustração do livro. As crianças ainda puderam pegar autógrafa com os autores e assistir ao Jéfferson desenhar ao vivo o gatinho Pituco.

Foram encontros muito emocionantes.



Tarde com os autores Jéfferson Passos e Rosi Ferreira. 2013 e 2018.



Dessas experiências nasceram projetos que apresentarei no tópico seguinte sobre atuação na pesquisa e meu ingresso no curso de doutorado na Universidade Estadual de Campinas, no Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL).

A inclusão escolar e sua interface em minha constituição

Fiz questão de dedicar um espaço nesta narrativa para dizer dos encontros, e por que não dizer também dos desencontros vividos ao longo de minha atuação no que se refere à inclusão escolar. Compreendo que atuar pedagogicamente garantindo metodologias que promovam o acesso ao conhecimento estudado a todas as crianças é um grande desafio. A inclusão escolar de pessoas que apresentam algum tipo de necessidade educacional diferenciada, é um tema que merece nossa atenção. Cabe aqui destacar que qualquer criança pode necessitar de atenção individualizada em algum momento da sua vida escolar, seja por questões de diferenças étnico-raciais ou sociais, seja por algum momento familiar específico vivido, também por apresentarem alguma dificuldade no processo de escolarização, ou ainda por serem crianças público alvo da educação especial. Vale destacar que a formação inicial e continuada de profissionais para atuar com esse público de estudantes, ainda encontra muitas limitações. Deste modo, a escola e seu cotidiano torna-se um espaço privilegiado de discussão, proposição, formação e construção de práticas que visem atender às crianças de forma satisfatória.

Nesta perspectiva desde o ano de 2009 venho assumindo o compromisso de refletir sobre minha prática, junto com as proposições da equipe de psicologia e educação especial, construindo formas de atendermos melhor essas crianças. Destaco aqui a importância do trabalho em equipe e das parcerias estabelecidas na escola com as professoras Liliane do Guimarães e professora Lavine Cardoso, profissionais extremamente comprometidas com as crianças, com os/as professores/as e com os/as estagiários/as. Sendo assim, ao longo desses anos, atuei com crianças que apresentavam algum tipo de necessidade e atenção diferenciada fossem ou não público alvo da educação especial, sempre buscando construir novas estratégias pedagógicas que pudessem contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem escolar desses estudantes.

Desse empreendimento produzi um artigo em parceria com a professora Liliane e com a estagiária que nos auxiliava, Mariana Ferreira e também orientei um TCC – trabalho de

conclusão de curso - sobre os desafios e possibilidades do trabalho com uma criança com autismo, ambos estão listados no item pesquisa e produção científica. Compreendo que é necessário continuar investindo em estudos e pesquisas, buscando recursos dentro e fora da escola para ampliar e fortalecer o trabalho com a inclusão escolar que desenvolvemos com tanto compromisso e dedicação.

Para encerrar esse tópico, não poderia deixar de relatar nesse memorial, duas homenagens recebidas. A primeira organizada pelas famílias das crianças que atuei em 2018 e 2019 pois foi um momento muito especial que levarei para sempre na memória. Uma festa surpresa de aniversário organizada pelas famílias na escola. Quero registrar a minha eterna gratidão às crianças e suas famílias tão queridas das Turmas da Mônica e Turma da Pizza, especialmente à todas as mães, Tércia, Átila, Lourayne, Jade, Ana Paula, Michele, Carol, Jéssica, Franciele, Kéríta, Sara, Kellen, Yanca, Milene e Carla e também às companheiras de trabalho Hellen Cristina, Marina Inocência e Jéssica.



Festa surpresa de aniversário organizada pelas famílias. Março de 2019.

Outro momento marcante em minha carreira e que retrata bem a construção de significados e sentidos no processo vivido, especialmente nas relações afetivo-educativas foi a homenagem recebida dos alunos que concluíram o nono ano em 2019. Destaco que para mim a afetividade exerce um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem. Ela pode influenciar de forma decisiva a percepção, a memória, o pensamento, à vontade e as ações, e

ser assim, um componente essencial para composição da personalidade humana. Nesse caso, tanto para as crianças quanto para a professora.

Cabe aqui destacar que essa turma ficou marcada para mim como potência em minha trajetória. Foram esses estudantes que lá em 2010 me encantaram na sua relação com a literatura e provocaram as inquietações tão fundamentais para me impulsionar a querer compreender melhor as relações estabelecidas entre esse signo cultural e o desenvolvimento infantil. Constituí-me professora pesquisadora, atenta aos modos e gestos de participação dos sujeitos na relação educativa, entretanto, esse grupo contribuiu para fortalecer em mim o desejo de aprofundar na compreensão acerca do desenvolvimento humano. Ao receber o convite para a homenagem, não pude conter a emoção especialmente ao constatar que a relação educativa impactou de forma positiva e mútua.



Homenagem - Formatura dos nonos anos.
Nov. 2019.

ATIVIDADES DE PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA: processos constitutivos

*Borboletas me convidaram a elas.
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
 Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
 um mundo livre aos poemas.
 Daquele ponto de vista:
 Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.
 Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
 Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
 Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.
 Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de
 uma borboleta.
 Ali até o meu fascínio era azul.*

Manoel de Barros

Ao iniciar na carreira do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) na Eseba, já trazia uma característica de inquietude frente aos processos vividos. Pode-se observar esse traço acompanhando minha trajetória sempre inquieta frente aos acontecimentos, conhecimentos e situações com as quais fui me deparando. Desde o ingresso no curso de Pedagogia e do encantamento frente às tantas descobertas, nunca parei de olhar para o espaço escolar com interesse profundo. Ingressei nesta carreira já com o título de mestre e com algum conhecimento ou posição acerca dos modos de compreender o cotidiano como espaço vivo, cheio de contradições e de elementos interessantes para a construção de conhecimentos. Aprendi nos estudos do mestrado que o cotidiano escolar é um espaço de experiências, onde ocorre uma construção histórica que evidencia os aspectos de constituição do sujeito em duas dimensões: permanência e mudança, ou seja, permanência e mudança se entrecruzam na produção das práticas sociais cotidianas e na constituição da singularidade, imprimindo nuances, aparentemente contraditórias ao desenvolvimento da nossa vida profissional (FONTANA, 1997:49).

Entretanto, não podemos negar que é por meio das contradições que ocorre o movimento numa relação dialética entre as práticas sociais singularizadas no indivíduo. Deste modo as ações desenvolvidas na pesquisa foram sendo demandadas do vivido no espaço e tempo da escola, da sala de aula e das formações em grupos de estudos e pesquisas dos quais fui fazendo parte ao longo desta trajetória. Cabe aqui destacar que a Universidade é alicerçada sob a égide de um tripé que precisa contemplar o trabalho com o ensino, com a pesquisa e com

a extensão. A partir desta premissa passo a destacar algumas dessas ações, bem como o impacto em minha formação e suas implicações em decorrentes produções.

- **A (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA E O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS NO COTIDIANO DA SALA DE AULA**

Pesquisa desenvolvida no mestrado, finalizada paralelamente ao ingresso na Eseba. O ingresso na Eseba aconteceu em janeiro e a defesa aconteceu em fevereiro de 2005. Essa pesquisa buscou compreender os modos de constituição de sujeitos no cotidiano da escola especialmente no que se refere ao conceito de (in)disciplina. Faz uma discussão acerca do entendimento de que o professor participa do processo de constituição de seu aluno, assim, como o aluno também contribui para a constituição do professor, pois ambos experimentam na escola e na sala de aula em particular, situações sociais significativas, que configuram suas histórias sociais e individuais. Essa pesquisa foi orientada pela Prof.^a Titular Myrtes Dias da Cunha.

- **PESQUISA EM MOVIMENTO: compreendendo, construindo re-inventando o cotidiano escolar ações integradas do Estágio e da Prática de Ensino**

A participação nesta pesquisa se deu em parceria com a professora Dr^a Lázara Cristina da Silva, professora da Faculdade de Educação no período de 2009 a 2013. Foi um projeto de pesquisa-ação proposta pela Faced/ufu que visava articular as atividades a serem desenvolvidas na Prática de Ensino e Estágio Supervisionado com o cotidiano educacional do Primeiro Ciclo da Educação Básica da ESEBA de forma a tornar esta experiência um espaço formativo rico e propulsor de análises e sínteses da prática educativa vivenciada no exercício do estágio curricular do Curso de Pedagogia e do cotidiano da ESEBA.

Nesse projeto era proposto aos docentes da Eseba que orientassem aos estagiários/as em uma intervenção proposta pelos estudantes. Ações mediadas por encontros reflexivos acerca do cotidiano, por indicações de leituras e proposições de intervenção frente à demanda de cada grupo. Desse trabalho surgiram elaborações de artigos, apresentações em eventos científicos e acadêmicos a fim de provocar e ampliar debates acerca do trabalho com as crianças na escola, da formação inicial e continuada de professores por meio do estágio curricular obrigatório.

- **(RE)PENSANDO ALGUMAS POSSIBILIDADES DE AGRUPAMENTO DAS CRIANÇAS NA ESEBA**

Esta pesquisa foi realizada no período de 2012 a 2014, coordenada por mim em parceria com duas queridas colegas de trabalho, a professora Liliane dos Guimarães Alvim Nunes, da área de Psicologia Escolar e a professora Flávia Pimenta de Souza Carcanholo, da área de Educação Infantil, grandes parceiras. Visou evidenciar os processos vividos por crianças e professores da Educação Infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, no que se referia à enturmação das crianças da faixa etária de 4 e 5 anos. Foi desenvolvida com as quatro turmas de 2º período da Educação Infantil, seus professores e famílias dos alunos envolvidos, por meio de entrevistas, rodas de conversas e observação participante, elementos registrados em áudios e vídeos para construção das análises posteriores. Surgiu como necessidade de levar o grupo de profissionais a repensar sobre os vínculos afetivos estabelecidos entre as crianças e a importância de preservação desses processos no agrupamento dos estudantes e consequentemente no processo de ensino aprendizagem.

A equipe trazia uma tradição de sempre reagrupar todas as crianças ao fim de cada ano escolar, desde o primeiro período e apresentava muita resistência em experimentar outras possibilidades. Em parceria com a amiga e companheira de trabalho da área de psicologia, Liliane dos Guimarães Alvim Nunes, propusemos a pesquisa ao que o grupo acolheu. Promovemos essa empreitada com o objetivo de compreender os impactos afetivo emocionais e sociais dessa constante mudança de grupos de referência dos estudantes da Educação Infantil. A pesquisa evidenciou que, para a maioria dos sujeitos participantes, a manutenção de vínculos afetivos construídos nos grupos de referência, promoveram maior sensação de segurança e mais facilidade na adaptação do ano escolar seguinte.

Por meio da socialização desses resultados, a equipe passou a flexibilizar os modos de agrupamentos promovidos na educação infantil, levando em conta todos os elementos que envolvem tal ação, não implementando apenas uma forma de organizar e compor as turmas, mas considerando aspectos subjetivos e relacionais que trazem impactos no processo de socialização e aprendizagem das crianças.

- **A LITERATURA INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LEITORAS: parceria entre professor e estagiário**

Essa pesquisa desenvolvida no ano de 2013 a 2014, buscou evidenciar como as crianças de 4 e 5 anos interagem com o que nós, professores, oferecemos no cotidiano escolar, mais especificamente com a literatura infantil, em sala de aula, bem como de que forma a abordagem literária contribui com a formação leitora das crianças. É considerando a experiência com leitura que a criança tem, antes mesmo de ser capaz de dominar os signos escritos, que percebemos o quanto é importante que as instituições de ensino, desde a Educação Infantil, se preocupem com a formação de crianças leitoras. Nessa perspectiva a pesquisa buscou evidenciar o acesso das crianças: Qual tipo de livros? Quando se considera que a criança se tornou leitora? Como a escola pode contribuir? Como se dá a relação das crianças com os livros? Esta pesquisa foi atrelada à formação do/a estagiário/a da graduação ao trabalho pedagógico na educação básica. Contou com financiamento da Pró-reitoria de graduação (Prograd) na oferta de bolsas para estudantes de graduação.

Desenvolveu ações teórico-práticas que tinham na literatura o foco principal de atuação visando a formação do interesse das crianças pela literatura. Consistia em atividades previstas em sala de aula e fora da escola que abarcavam a literatura, envolvimento das famílias e formação das estagiárias com a pesquisa e atuação na educação infantil. Para isso compusemos momentos de estudos de livros que fundamentam os processos de desenvolvimento infantil especialmente mediados pela linguagem artística. Estudamos a obra *Imaginação e criação na Infância* (VIGOTSKI, 2009), textos sobre a formação do leitor e outros que tratam de metodologias de pesquisa. Enviou-se questionário às famílias no início e ao fim do desenvolvimento do projeto a fim de perceber as nuances e impactos relativos a formação leitora das crianças.

- **TESE DE DOUTORADO – 2014 a 2017 - O TRABALHO COM LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DE ADULTOS E CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A pesquisa de doutorado procurou investigar, compreender e explicitar a experiência de ler e ouvir histórias na Educação Infantil, tendo-a como uma atividade de

linguagem que provoca nos leitores diversas sensações. Momentos que, para um educador e pesquisador atento podem constituir-se como elementos fundamentais da prática pedagógica que nos impulsionam a compreender a natureza dessas manifestações para o desenvolvimento infantil, considerando os processos e interações de ensino e aprendizagem das crianças. Para cursar o doutorado, obtive a liberação para qualificação por um período de dois anos (agosto de 2015 a julho de 2017). Período extremamente precioso para a construção da pesquisa.

A pesquisa buscou problematizar e investigar as possibilidades de trabalho pedagógico com a literatura no âmbito da Educação Infantil. Assumindo os pressupostos de uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, e com base, principalmente, nas contribuições de Vigotski (conceitos de desenvolvimento cultural, significação, vivência, novas formações) e Bakhtin (conceitos de alteridade, dialogia, polifonia, exotopia), buscamos investigar os processos constitutivos do desenvolvimento cultural de adultos e crianças em sua inter-relação com o texto literário. O trabalho empírico envolveu a participação da pesquisadora no processo formativo de duas professoras em atuação em uma rede municipal de ensino no estado de Minas Gerais, assim como a (con)vivência da pesquisadora com as referidas professoras e crianças - uma turma de Agrupamento 1, com crianças de 1 e 2 anos; e outra turma de Agrupamento 3, com crianças de 3 e 4 anos - em duas escolas de Educação Infantil do Município de Uberlândia.

No ano de 2015 eu orientava dois trabalhos de conclusão de curso (TCC), em um Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, ambos com interesse nas questões de linguagem e literatura e foi sob a sugestão brilhante da professora Ana Smolka, minha orientadora, que o trabalho se constituiu como processo investigativo e deu origem à minha tese de doutorado. Compartilhando com a pesquisadora o planejamento das atividades diárias, aprofundando o estudo teórico sobre linguagem e desenvolvimento humano, e analisando em conjunto o desenrolar do trabalho realizado, as professoras puderam objetivar o seu fazer cotidiano. A metodologia de pesquisa foi extremamente importante uma vez que provocou entre as participantes a possibilidade de se ver e rever em atuação.

Trabalhos de Conclusão de Curso orientados:

- Lucássia Elias Ferreira – *O Papel da Linguagem no desenvolvimento das crianças.*
- Laís Amaral Marques – *O Espaço da Biblioteca na Educação Infantil e suas contribuições na formação de futuros leitores.*

A orientação dos trabalhos trouxe-me muita contribuição para a pesquisa e do processo vivido no doutorado pude acumular uma rica aprendizagem sobre os processos constitutivos tipicamente humanos conseguindo aprofundar minha compreensão acerca do desenvolvimento infantil e das implicações do trabalho com a literatura nesse processo.

- **ORIENTAÇÃO DO Trabalho de Conclusão de Curso – 2019 - Estudo de caso de aluno com autismo: possibilidades e desafios encontrados.**

Dentre as minhas atribuições no Cap Eseba/UFU, uma das quais tenho também grande preocupação e apreço é a formação dos estudantes de graduação. Todos os anos recebemos uma grande quantidade de estagiários e estagiárias curriculares ou vinculados a diferentes projetos. O trabalho com a inclusão na escola, campo que dediquei um tópico específico anteriormente, acolhe a maioria desses estudantes. Por se tratar de um estágio remunerado, propõe um tempo de trinta horas para a participação dos/das estudantes nos processos escolares das crianças público alvo da educação especial, onde está previsto o estudo, planejamento e preparação de materiais de apoio aos professores e crianças às quais acompanham.

No ano de 2018, recebi em meu grupo uma criança diagnosticada com autismo severo. Um caso extremamente complexo e desafiador. A estagiária que se vinculou à essa criança e ao grupo, Marina Inocência de Souza, estabeleceu com ele e comigo laços de compromisso profundos. Juntas buscávamos, com o apoio da equipe responsável pela Educação Especial na escola, compreender e propor ações que pudessem acolher esse estudante, contribuindo em seu desenvolvimento. A estagiária era estudante do curso de biologia da Universidade Federal de Uberlândia e pelo extremo interesse em contribuir com o trabalho e também compreender os processos vividos pela criança, decidiu fazer seu TCC sobre essa temática, convidando-me para orientá-la. Embarquei com ela nesse desafio e o trabalho final ficou simplesmente encantador.

O texto está em fase de preparação para publicação. Em virtude de questões burocráticas da Universidade, tivemos que adequar o meu vínculo formal com a estudante para a co-orientação, pois o sistema de registro e acompanhamento dos estudantes da graduação só permite registrar como orientador, professores do ensino superior. Esta tem sido uma discussão interna que está buscando caminhos para o reconhecimento formal dos professores da carreira EBTT, como orientadores dos estudantes de graduação em seus trabalhos de conclusão de curso.

Ao longo da minha carreira algumas publicações se destacam as quais listo abaixo com o objetivo de situar um pouco dessa trajetória:

TÍTULO	ANO PUBLICAÇÃO	PERIÓDICO/LIVRO
PAIVA, N. S. G. & CARRIJO, M. C. O. B. Resenha da obra: BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e maquinarias.	2005	Revista Educação e Filosofia. UFU. Impresso.
PAIVA, N. S. G.; CUNHA, M. D.; (In) disciplina e cotidiano escolar -uma possibilidade de compreensão. In: CICILLINI, G. A.; BARAÚNA, S. M (org.). Formação Docente: saberes e práticas pedagógicas.	2006	Capítulo de livro
PAIVA, N. S. G. Uma compreensão sobre a autoridade: seus fundamentos e efeitos na relação educativa	2007	Revista Cadernos de História. UFU. Impresso.
PAIVA, N. S. G. A Formação Continuada de Educadores (as) Infantis por meio da Linguagem Cinematográfica: breves considerações	2009	Revista impressa e mídia eletrônica. http://www.revistadeextensao.proex.ufu.br
PAIVA, N. S. G. & NUNES, L. G. A.; DEUS, M. F. A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural.	2010	Olhares & Trilhas (UFU. Impresso).
PAIVA, N. S. G. & NUNES, L. G. A.; Educação Infantil e Inclusão: relato de uma prática inclusiva no ensino regular. In: DECHICHI, Claudia; FERREIRA, Juliene Madureira; SILVA, Lazara Cristina. (org.) Inclusão educacional e educação especial: múltiplos olhares e diversas contribuições.	2013	Capítulo de Livro
PAIVA, N. S. G. & MOURA, D. S.; Repensando o Espaço da biblioteca na Educação Infantil e contribuindo com a formação de leitores	2014	Revista Eletrônica Linha Mestra. 1980-9026. Vol. 24.
PAIVA, N. S. G.; TEIXEIRA, C. P.; MONTESINO, N. R.; A Literatura Infantil e suas implicações na aprendizagem e desenvolvimento de crianças leitoras	2014	Revista Eletrônica Linha Mestra. 1980-9026. Vol. 24.
PAIVA, N. S. G.; SILVA, C. C.; DAINÉZ, D. Meu bebezinho cresceu: reflexões sobre a criança e seu desenvolvimento. In: Projeto Acolher: família e escola refletindo sobre temas do desenvolvimento infantil.	2016	Capítulo de Livro

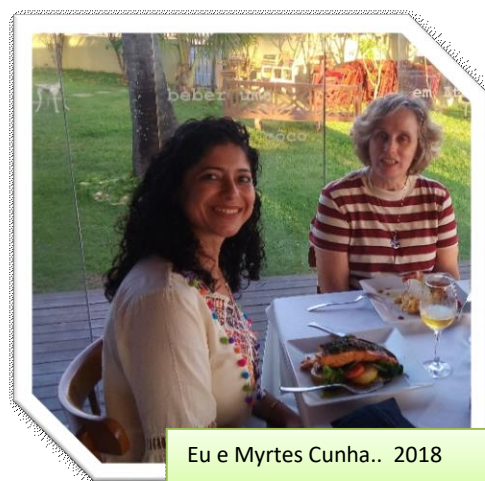
Ainda no campo da pesquisa, ao longo desse tempo participei de grupos de estudos e pesquisa: GEI (Grupo de Pesquisa da Infância) do NUPEPE (Núcleo de Pesquisa sobre Práticas Escolares), ambos da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, coordenado pela Profª Titular Analúcia de Moraes Vieira; Grupo de Pesquisa Infâncias, docências e cotidiano escolar, coordenado pela Profª Titular Myrtes Dias da Cunha, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia; Grupo de Pesquisa

Pensamento e Linguagem (GPPL) coordenado pela Prof^a Titular Ana Luíza Bustamante Smolka, na Faculdade de Educação da Unicamp. Participei de congressos, seminários e eventos científicos, levando minhas produções a fim de trocar ideias, experiências e dialogar no espaço acadêmico procurando participar dos debates em torno de temas importantes na área da Educação de um modo geral e da área de Educação Infantil de modo mais específico. Também participei de bancas de trabalho de conclusão de curso, banca de qualificação de doutorado e bancas de avaliação de promoções e progressões na carreira. Emiti pareceres em trabalhos e artigos para eventos científicos e publicação na Revista Olhares e Trilhas. Não vou listar aqui todos esses eventos para não tornar a leitura cansativa, mas todas as participações em bancas, apresentações de trabalho e publicações em eventos estão listadas no currículo lattes no endereço: <http://lattes.cnpq.br/1805047859701348>.

Destaco a importância de registrar e refletir sobre nossa prática docente, por meio de atuação na pesquisa, na extensão, na produção de artigos e participação em eventos a fim de tomar certo distanciamento do processo vivido e com isso aflorar nossa capacidade crítica em relação a nós mesmos e ao trabalho que realizamos. Esse processo contribui para rever, reorganizar ou fortalecer práticas no cotidiano escolar, especialmente visando melhor atender as necessidades de nossos estudantes. Ao longo desse período de atuação foram muitas parcerias construídas com colegas de trabalho e estagiárias/os sempre procurando estabelecer uma relação de aprendizado, respeito e colaboração, refletindo sobre os desafios e criando possibilidades frente ao trabalho na Educação Infantil. Muitas dessas parcerias e orientações se desdobraram em produções de trabalhos, oficinas, palestras, apresentados em diferentes contextos. Elas também estão melhor detalhadas no lattes. Trago aqui minhas duas grandes mestras no campo da pesquisa pois foram elas que me apoiaram, reconheceram meu trabalho e orientaram de forma brilhante me auxiliando no processo de constituição como pesquisadora.



Eu e Ana Smolka. 2017.



Eu e Myrtes Cunha.. 2018

A FORMAÇÃO ACADÊMICA E A RELAÇÃO COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: modos de me tornar professora

Minha experiência na extensão iniciou-se ainda na graduação quando tive a oportunidade de participar do Projeto intitulado “VILA MARIELZA – Uma comunidade em Busca de Saúde e Qualidade de Vida”, realizado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis e Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais/Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, no período de 01 de julho de 2002 a 28 de fevereiro de 2003, perfazendo uma carga horária de 72 horas. Esse projeto marcou muito minha formação. Eu cursava já o quarto ano do curso de Pedagogia e buscava aproveitar o que ainda fosse possível no espaço da universidade. Tive a oportunidade de participar de oficinas teatrais e musicais nos primeiros momentos da formação e em seguida, participar com a equipe das propostas levadas à comunidade. Eu particularmente auxiliava na organização das oficinas de pintura e crochê, mas também visitava as residências fazendo os contatos e orientações necessários em relação à saúde e à qualidade de vida dos moradores. Aprendi muito com essas atividades, especialmente a compreender o papel da universidade frente à comunidade.

Em 2011 compus o grupo do projeto “PARANGOLÉ - FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL, sob a coordenação da Profª Drª Paula Cristina Medeiros Rezende, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, o mesmo inspirou-se nos Parangolés do artista Hélio Oiticica, quando convida o espectador a assumir um posicionamento ativo na constituição da atividade criadora, abandonando o lugar de mero espectador. Transportadas para o campo da educação, as intenções do artista ajudam a refletir sobre o processo de constituição do educador infantil, quando compreendemos que este profissional é forte interlocutor no diálogo sobre a formação da infância contemporânea, na medida em que assume um posicionamento ativo e criativo. O objetivo deste projeto foi contribuir com a formação continuada do professor da Educação Infantil, criando espaços de reflexão que repousassem sobre as experiências do cotidiano escolar; e ampliassem o conhecimento e sentidos sobre: infância, educação, educador, desenvolvimento e aprendizagem. Foram realizados grupos de estudos e reflexão dos episódios cotidianos com as professoras, juntamente com estagiárias do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, além da proposição de um blog para socializar o conhecimento produzido a partir das ações deste projeto. O projeto teve como principal objetivo com as intervenções, contribuir com o desenvolvimento profissional de educadores desse nível

de ensino, além de legitimar uma concepção de infância de natureza histórica e cultural. Minha participação nesse projeto se dava por meio dos encontros para estudos e de trocas de cartas. As estagiárias participavam do período das aulas, acompanhando nosso trabalho com as crianças em dias específicos. Depois de um tempo nos enviavam cartas dialogando e trazendo reflexões sobre situações vividas no cotidiano. Respondíamos a essas reflexões também por meio de cartas em um processo extremamente criativo. Ao mesmo tempo aconteciam encontros periódicos entre o grupo de professores e professoras com toda a equipe do projeto com o objetivo de estudar e aprofundar temas mais específicos. Foi um projeto muito interessante! Trago aqui uma de minhas anotações sobre o mesmo que recuperei em meus registros: “A troca de cartas possibilita o fortalecimento para mim na medida em que consolida minhas convicções e reconfiguram outras que ainda estão acontecendo” (18/04/2012).

Em 2013 integrei a equipe do “PROJETO ACOLHER: FAMÍLIA E ESCOLA PROMOVENDO AÇÕES SOLIDÁRIAS NA COMUNIDADE”, sob a coordenação da Prof^a Liliane dos Guimarães Alvim Nunes. O projeto visou promover o diálogo e a parceria entre família-escola, estendendo esta parceria para a comunidade. Previu a realização de grupos reflexivos, no âmbito da escola e das comunidades de origem das famílias, com temáticas relativas ao desenvolvimento da criança, sensibilizando-as, fortalecendo os vínculos afetivos entre elas e seus filhos, colaborando na percepção sobre o desenvolvimento de suas crianças.

Ainda em 2013 participei do “PROJETO EDUCA AÇÃO” promovido(a) pelo(a) Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia, realizado(a) no período de 01/02/2013 a 21/12/2013, sob a coordenação do(a) Cirlei Evangelista Silva Souza, com carga horária de 24 horas. O projeto visou contribuir para a formação continuada dos profissionais de educação das Creches Comunitárias Associadas de Uberlândia que atuam com crianças e adolescentes, bem como oferecer para a comunidade (pais, profissionais e sociedade local) informações e serviços que a auxilie a participar de forma mais efetiva da formação integral deste público. Além da formação acadêmica e profissional buscou também a sensibilização dos discentes frente às demandas educacionais de crianças e adolescentes; Propiciar a formação dos profissionais da CCAU para que possam atuar de forma crítica no processo de construção de conhecimento, habilidades e valores de seus alunos; Proporcionar aos profissionais da CCAU a oportunidade de refletirem sobre sua formação pessoal atrelada à formação profissional, favorecendo o seu desenvolvimento como pessoa, cidadão e gestor em determinados espaços escolares; Discutir sobre práticas pedagógicas eficazes que melhorem a qualidade do trabalho didático realizado na CCAU; Possibilitar aos

profissionais da CCAU um espaço de discussão sobre as problemáticas enfrentadas na realidade educacional, favorecendo sua capacidade de enfrentar os desafios e as adversidades sociais da atualidade; Proporcionar um conjunto de atividades voltadas para a educação, saúde e cidadania para a comunidade que possam favorecer a atuação desta na formação integral de crianças e adolescentes.

Em 2015 integrei a equipe do Projeto de Extensão “FORMAÇÃO DOS EDUCADORES/AS INFANTIS: TROCANDO, VIVENDO E APRENDENDO COM AS CRIANÇAS”, coordenado pela Prof^a Dr^a Analúcia de Moraes Vieira, que visou possibilitar espaço/tempo para compartilhar com a sociedade, através da formação continuada de educadores infantis do município e do estado, os conhecimentos e metodologias desenvolvidas na Escola de Educação Básica da UFU referente ao trabalho com a criança de 4 a 8 anos, buscando contribuir com a qualidade da educação brasileira. Propôs-se como um espaço de discussão, vivência e reflexão de um trabalho marcado essencialmente pela valorização das 100 linguagens da criança, sendo estas envolvidas pela ludicidade e pela cultura. O projeto foi desenvolvido através de trinta e dois (32) encontros distribuídos entre: 12 “Oficinas” (4horas/cda/ 2 dias cada), 2 “Palestras” (2 horas/cda), 1 “Minicurso” (4 horas/cada/4 dias) 2 “Sessão Cinema” (2horas/cda/2 dias) e 2 “Um dia na Educação Infantil da ESEBA” (4 horas/cada/2 dias) com um total de Carga horária de 128 horas. Este foi realizado por profissionais que atuam na ESEBA e convidados externos e buscou a integração dos vários níveis de ensino da Universidade Federal de Uberlândia, por meio de uma parceria entre docentes, bolsista da graduação e profissionais da Escola de Educação Básica, englobando o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Em 2019 coordenei o Projeto de Extensão “FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS PARTILHADAS” promovido(a) pelo(a) Escola de Educação Básica (ESEBA) da Universidade Federal de Uberlândia, realizado(a) no período de 24/04/2019 a 11/12/2019, com carga horária de 80 horas. Esse projeto foi desenvolvido em parceria com a rede municipal de Uberlândia por meio do Centro de Estudos e Projetos Julieta Diniz.

Essa proposta visou estabelecer diálogos entre docentes que atuam na educação infantil nas redes federais e municipais de ensino na cidade de Uberlândia/MG, buscando uma formação continuada que levasse em conta as experiências teórico-práticas de todos os envolvidos no processo formativo. A formação foi desenvolvida pela equipe docente que atua

na Educação Infantil da ESEBA/UFU abordando os diversos campos do conhecimento que permeiam o trabalho com crianças de quatro e cinco anos. Teve como eixo principal abordar a formação a partir da compreensão do desenvolvimento infantil como um processo contínuo, histórico e cultural. Essa perspectiva compreende que as experiências vividas pelas crianças são grandes aliadas em seu processo de ensino aprendizagem, por esta razão devem ser levadas em conta ao se pensar o planejamento e a prática pedagógica. Do mesmo modo o processo formativo do docente também é marcado por suas experiências de vida, sejam elas pessoais ou profissionais que devem ser levadas em conta na ação formativa. Teve como objetivo estabelecer diálogos e trocas acerca dos desafios e possibilidades do trabalho docente na Educação Infantil tendo como princípios as diversas linguagens da dimensão humana. Participaram do projeto profissionais que atuam na Educação Infantil, professores, gestores, coordenadores pedagógicos, educadores infantis e estagiários.

Desde o meu primeiro contato com a extensão em 2003, antes mesmo de me tornar professora na Escola de Educação Básica, compreendi qual o papel que a universidade precisa desempenhar no que se refere à extensão. Esta é uma frente de atuação da minha carreira pela qual compreendo que estamos devolvendo para a comunidade todo o investimento dedicado para com o estado, o município e a União.

Particpei também do projeto de publicação de aulas no portal do Ministério da Educação. Segue abaixo a relação de aulas publicadas:

PUBLICAÇÃO DE AULAS NO PORTAL DO PROFESSOR – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/aulas.html?pagina=3&tamanhoPagina=25&id=59909>

TÍTULO DA AULA	DATA DE PUBLICAÇÃO
Produzindo adubo orgânico na escola e aprendendo a fazer pesquisa desde a Educação Infantil	27/01/2011
Caça ao Tesouro: utilizando a leitura e a escrita como prática social	30/01/2011
Montando uma bandinha: explorando os sons e a percepção auditiva	16/12/2010
UMA HISTÓRIA PUXA A OUTRA: a história dos pingos de conhecimento	16/12/2010
“O Homem que adorava caixas”: explorando as habilidades criativas das crianças	16/12/2010
Ciências: conhecendo os nutrientes dos alimentos e criando hábitos saudáveis de alimentação	16/12/2010
Caderno de Histórias: literatura e criatividade	13/12/2010
Plantando uma horta: oportunizando ações para proteger o meio ambiente	16/12/2010
Reaproveitando o lixo: o processo de decomposição do lixo orgânico	22/11/2010
Construindo “Caixas de Histórias” e conhecendo novas possibilidades de se trabalhar com a literatura infantil	22/11/2010
Meio Ambiente: compreendendo os cuidados com o lixo para melhorar a qualidade de vida	22/11/2010
Auto-estima e confiança, trabalhando elementos importantes entre as crianças	17/11/2010
“A Pipa de Franklin”: explorar e conhecer objetos que voam	02/11/2010
Trabalhando matemática de forma inclusiva: quem sou eu e qual a minha idade	15/11/2010
O escultor: trabalhando a expressão corporal	19/10/2010
Identificando numerais: trabalhando quantidades e reconhecendo números de forma concreta, lúdica e inclusiva	18/10/2010
Conhecendo meu nome: reconhecimento e percepção de criança com necessidades educacionais especiais	17/10/2010
A Pipa: trabalhando a escrita com crianças com Necessidades Educacionais Especiais	11/10/2010
O doce perguntou pro doce ... linguagem e diversão	10/10/2010
A culinária da África e suas heranças no Brasil: compreendendo nossa cultura	03/10/2010
Trabalhando o relacionamento interpessoal entre as crianças e explorando sentimentos	20/09/2010

Tribos: o modo de organização dos povos africanos uma viagem à outras culturas	20/09/2010
Uma viagem pelo deserto: conhecendo outros tipos de lugares	20/09/2010
Da África ao Brasil: conhecendo a fauna e construindo conhecimentos – bichinhos de pedra	20/09/2010
Conhecendo uma Savana e sua fauna: leão, girafa e elefante	17/09/2010
Muitos encontros, muitos aprendizados: o respeito à relação família-escola	22/08/2010
Conhecendo a história do futebol e interagindo com a diversidade cultural	24/08/2010
Meu pai é ...: homenageando e aprendendo sobre as profissões	23/08/2010
Inclusão para todos: incluindo as crianças com altas habilidades em sala de aula	24/08/2010
África de todos nós: conhecendo e compreendendo a história do povo brasileiro	24/08/2010
Branca de neve e os sete anões: a linguagem teatral na Educação infantil	22/08/2010
Esquema corporal e coordenação motora: desenvolvendo habilidades	13/08/2010
Atenção e concentração: você é bom de memória?	13/08/2010
Leitura, escrita e expressividade na educação infantil: desmanchando algumas amarras	11/08/2010
Compreendendo a leitura e a escrita: algumas tentativas	04/08/2010
Percepção auditiva: montando e desmontando	09/08/2010
Meu desejo é: expressando sentimentos e estimulando a fantasia	19/06/2010
Ginástica facial: observando as expressões	17/06/2010
Responda depressa sem errar: trabalhando raciocínio lógico	17/06/2010
“Pessoas são diferentes”: trabalhando a diferença em sala de aula	19/06/2010
Quem cresceu mais que eu?: observando medidas	14/06/2010
Quem está diferente?: fazendo comparações	15/06/2010
“SE AS COISAS FOSSEM MÃES”: homenageando e criando	20/05/2010
O jogo da memória como estratégia para se trabalhar a leitura e a escrita	20/05/2010

A Laranjeira: construindo regrinhas em sala de aula	18/05/2010
Retorno às aulas: fazendo novas amizades, construindo novos conhecimentos	18/05/2010
Construindo um relógio: conhecendo os números e entendendo sua função	18/05/2010
"Menina bonita do laço de fita: trabalhando as diferenças na educação infantil"	10/05/2010
Adaptação com alegria: música como forma de integrar com as crianças e aprender os nomes dos colegas	24/04/2010
Turma dos Pôneis: construindo uma identidade para a turma	24/04/2010
Interação Família e Escola: oportunizando encontros	13/12/2009
BOLICHE: pontaria, diversão e aprendizado	13/12/2009
O que serei quando crescer?: conhecendo as profissões	10/12/2009
Imagem e escrita: construindo o processo de alfabetização	14/12/2009
Bichos que nascem do ovo... parte 1	17/11/2009
Bichos que nascem do ovo... parte 2	17/11/2009
O Brasil visto pelos olhos das crianças	18/10/2009
Ocupando papéis: construindo sua identidade	19/11/2009
Expressão oral e corporal: vamos espantar a tristeza?	17/11/2009
"O que é que tem na sopa do neném? :aprendendo sobre a alimentação"	17/11/2009
Maior, menor: aprendendo com o próprio corpo	19/11/2009
Guerra: eu sei jogar e você?	18/10/2009
Que surpresa: todo mundo já foi neném!	18/10/2009
O girassol Solitário	18/10/2009
O encanto das flores: cores, formas e perfumes	18/10/2009
Movimento corporal: uma necessidade na educação infantil	18/09/2009
Construindo Regras de Convivência na Educação Infantil	18/09/2009

Calendário: de quem é o mês?	18/09/2009
Histórias e Memórias: oportunizando a expressão oral das crianças	18/09/2009
Noções de tempo e espaço de forma concreta e lúdica	18/09/2009
BINGO: reconhecendo letras, trabalhando a coordenação motora fina e se divertindo	18/09/2009
HIGIENE PESSOAL : ouvindo histórias, brincando e construindo hábitos	20/08/2009
Noções de tempo e espaço de forma concreta e lúdica	18/09/2009
“Quem sou eu”?	20/08/2009
NOSSO MUNDO E AS CORES: ELAS ESTÃO EM TODOS OS LUGARES	20/08/2009
OBSERVE E DESCUBRA: ONDE ESTÁ O MEU COLEGA?	18/08/2009
Descobrimo as letras do meu nome	20/08/2009
“O que você faria com feijões mágicos”?	20/08/2009

As publicações de aulas no Portal do Professor possibilitaram divulgar o trabalho desenvolvido na Escola de Educação Básica – Cap /Eseba – UFU e tornou-se um espaço de interações e diálogos com professores da área de Educação Infantil em todo o Brasil.

ATIVIDADES DE GESTÃO: desafios e possibilidades frente a constituição docente

A Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia segue os princípios da Gestão democrática como forma de construir sua gestão administrativa e pedagógica. A equipe de servidores que integra nossa escola é composta por docentes, técnicos e grupos de profissionais de empresas terceirizadas. Todos os servidores efetivos são responsáveis pelas decisões e encaminhamentos a serem tomados. Isso é realizado por meio do Conselho Superior da unidade – Coneseba, composto por representantes de toda a comunidade escolar, sendo o gestor, o presidente deste conselho, o responsável por encaminhar e fazer cumprir as decisões coletivas. Desse modo a equipe atua por meio da gestão, das áreas de conhecimento, setores e também por meio do trabalho das Comissões.

Para organização dos espaços pedagógicos na Eseba/UFU as reuniões institucionais acontecem contemplando:

Reunião de Diálogo: espaços de encontro com professores de diferentes áreas de conhecimento em periodicidade regular combinada pelo grupo, para dialogar sobre assuntos referentes à ação docente, às relações escolares, à aprendizagem e ao desenvolvimento das turmas e dos alunos em suas especificidades. Nessa reunião são combinadas ações coletivas de trabalho com a turma e com os estudantes em suas especificidades, além dos encaminhamentos necessários. Nesse momento também pode-se identificar temas ou demandas que apontam necessidade de estudos, aprofundamento teórico e ações conjuntas pelos responsáveis pelo grupo.

Reunião de Área de Conhecimento: Refere-se a encontros regulares entre os docentes da área de conhecimento, para tratar de assuntos pedagógicos e administrativos, relativos ao cotidiano escolar e pertinentes à organização do trabalho específico da área. A condução das reuniões é de responsabilidade do(a) coordenador(a) de área e a sugestão de pontos de pauta para discussão é aberta aos demais participantes.

Reunião de Ciclo: Refere-se a encontros, geralmente mensais, com toda a equipe responsável pelo ciclo, para tratar de questões pedagógicas e administrativas relacionadas ao cotidiano escolar e ao Ciclo especificamente. A coordenação da reunião de ciclo é de responsabilidade da assessoria pedagógica e administrativa.

Reunião de Planejamento: Refere-se às reuniões que envolvem planejamento de aulas, eventos e outras atividades pedagógicas. São intercaladas entre momentos de planejamento apenas com as regentes e/ou com regentes e especialistas.

Reunião de Conselho Superior da Eseba - Coneseba: - órgão máximo de função normativa, espaço de discussão e deliberação entre os representantes de cada área de conhecimento, técnicos, familiares e estudantes da escola e os gestores - diretor(a) e assessores(as) pedagógicos(as) e administrativos(as) - com o objetivo de dialogar, analisar, encaminhar e deliberar conjuntamente sobre todas as questões da escola. O coordenador exerce o papel de representante da área nos diálogos estabelecidos no coletivo. Atuei como representante da Área de Educação Infantil no ano de 2014 e 2018.

Reunião com famílias: Refere-se a encontros trimestrais coordenados pelas Assessorias da Direção e docentes de todas as áreas de conhecimento, com o objetivo de tratar de questões gerais das turmas, como rendimento acadêmico, perfil do grupo, relações interpessoais, percepções dos docentes sobre as turmas, considerações das famílias acerca do trabalho pedagógico, dentre outros aspectos.

Atendimento a Famílias (individual): refere-se a encontros com pais e/ou responsáveis que procuram os docentes de todas as áreas, ou são solicitados pelos mesmos, sempre que se percebe a necessidade de orientações pontuais sobre a situação escolar dos (das) alunos (as), a saber: desenvolvimento cognitivo, emocional, desempenho acadêmico, questões comportamentais, dentre outros, sendo demandada tanto por parte da escola, quanto das famílias. Normalmente procuramos atender as famílias sempre em equipe, docentes da área de conhecimento, da psicologia e assessoria, quando for necessário.

Reunião de Comissões Internas: realizada pelos membros de cada comissão, com o intuito de definir objetivos de trabalho, planejar e executar ações referentes à temática da comissão. Há um número significativo de comissões na Eseba, em virtude da diversidade de frentes de trabalho na escola. Alguns exemplos: Comissão de Avaliação, Comissão de Avaliação de Pessoal Docente (CAPD), Recreio Orientado, PPP e outras. Fiz parte durante os anos de 2017, 2018 e 2019 da Comissão do Regimento, que buscou dirigir os trabalhos de atualização do regimento da escola.

As reuniões supracitadas estão inseridas no cotidiano escolar e acontecem periodicamente, cuja organização se dá pelo cronograma anual de atividades.

Durante o ano de 2014 atuei na coordenação das atividades do primeiro ciclo que corresponde ao trabalho que atende a Educação Infantil e Alfabetização Inicial, buscando articular e acompanhar o planejamento e efetivação do trabalho pedagógico de modo a construir um eixo comum entre todos os anos de ensino. Nesse período fiquei responsável por organizar as reuniões coletivas do ciclo, acompanhar o planejamento dos/das docentes de todos os anos de ensino, 1º e 2º período, 1º, 2º e 3º anos das séries iniciais do ensino fundamental. Bem como acompanhar o trabalho em sala de aula. Além de representar o ciclo em reuniões coletivas do conselho de coordenadores que ainda estava organizado em outro formato.

Atualmente faço parte da equipe gestora da escola, na função de Assessora Pedagógica da Gestão Coletividades em Diálogos (2020-2024). A equipe de gestão é constituída pelo diretor o Prof. Daniel Santos Costa, da área de arte, pela Assessora Pedagógica Prof.^a Sumaia Barbosa Franco Marra, da área de Educação Física, pela Prof.^a Janine Carvalho Peixoto⁷, da área de Educação Especial e por mim da área de Educação Infantil. Esse grupo se constituiu com o desejo de contribuir com a escola, estabelecendo o diálogo como principal meio de efetivação da gestão entre todos os segmentos da comunidade escolar, docentes, técnicos, familiares e fortalecendo o trabalho da escola em suas três frentes, ensino, pesquisa e extensão. Para efetivar esse trabalho nosso grupo elencou os seguintes princípios:

- Diálogo, transparência, objetividade e clareza para gestão democrática;
- Educação dialógica, participativa, reflexiva, acessível e inclusiva;
- Articulação e assessoria político-pedagógica em toda dimensão curricular;
- Relação de parceria com as famílias;
- Fortalecimento das coletividades, as parcerias, as redes de conhecimento em diálogo aberto com a comunidade;
- Divulgação, sistematização e ampliação dos projetos que culminam em experiências, práticas e processos pedagógicos inovadores;
- Articulação entre ensino, pesquisa e extensão e o diálogo aberto com a Universidade;

⁷ Professora Janine está afastada para finalização do Curso de Mestrado.

Iniciamos na gestão em janeiro de 2020. Desde a nossa posse temos enfrentado tempos difíceis, desde corte e suspensão de contratos, administração de situações com grupos de familiares que tem provocado enfrentamentos frente aos encaminhamentos tomados pelo coletivo de docentes, e ainda, a gestão da escola em tempo de pandemia provocada pela Covid-19. Entretanto, apesar dos grandes desafios vividos, temos buscando ser fieis aos princípios de nossa proposta para a atuação na gestão, ressaltando nosso papel enquanto colégio de aplicação, bem como a necessidade constante do diálogo como forma de reestabelecer o equilíbrio para a busca de caminhos possíveis que visem a construção de uma escola melhor para todos nós.

Na Eseba, lugar em que atuo com base nos ensinamentos e inspirações de tantos autores caros para mim, me fortaleço no trabalho coletivo e nas parcerias ali edificadas. Construo minha alteridade ao lado de grandes homens e mulheres que me ensinam todos os dias a acreditar na educação. Meus amigos e parceiros da gestão Daniel, Sumaia e Janine, com quem aprendo sobre a beleza e a força das coisas simples, a olhar por outros ângulos e enxergar nas entrelinhas, a ser paciente e a me cuidar, para além de cuidar do outro. Minhas amigas e colegas da área de Educação Infantil e nossos companheiros e companheiras na educação de nossas crianças, professores e professoras das áreas de educação física, arte, psicologia, educação especial, auxiliares pedagógicas, técnicos e técnicas, cuidadoras... desde o primeiro grupo com quem estive até o grupo atual.



Equipe da Educação Infantil que atuava na Eseba quando eu iniciei minha carreira. Festa Junina – Eseba 2007.

Equipe
atual: 2019
e 2020.
Diferentes
momentos



Equipe Gestão. Daniel, Eu, Sumaia e
Janine – 2020



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desse memorial se deu em meio a um contexto de tensão e ansiedade, tanto em virtude da pandemia vivida neste tempo com a Covid-19, quanto de um cenário político em que a educação tem sido alvo de constante ataques, cortes e desmonte. O cenário atual nos faz perceber e reforçar a necessidade de união da classe docente para enfrentar as lutas em defesa da educação brasileira. Ao recuperar minha trajetória profissional por meio desta narrativa, pude reafirmar minha crença na educação como possibilidade de crescimento e transformação. Fica comigo a certeza de que os ensinamentos de nosso eterno mestre Paulo Freire (1967), mais do que nunca precisam ser retomados. **A educação como prática da liberdade e como caminho de emancipação do sujeito.** Sinto-me parte e exemplo vivo deste modo de conceber a educação e as relações educativas, pois foi assim que, de fato, consegui formar-me professora, apesar de muitos desafios. Professora constituída e atravessada por muitas vozes, gostos, gestos, olhares históricos, culturais ... polifônicos, advindos sejam do âmbito familiar, acadêmico, da atuação profissional, de buscas individuais ancoradas no coletivo.

Ao longo deste texto fui trazendo poesias, citações e referências importantes que demonstram um pouco de quem sou e de como procuro atuar, a *minha verdade* de acordo com *minha miopia* seguindo a narrativa de Carlos Drummond. Espero ter demonstrado meu compromisso com as crianças, com a formação docente, com o ensino, com a pesquisa, com a extensão, com a educação pública, gratuita, laica e de qualidade. A construção dessa narrativa me fez retomar documentos, registros pessoais, cadernos, vídeos, fotos, livros e tantos outros arquivos que vamos arquitetando e vão nos marcando ao longo de nossa trajetória. Fez-me revisitar diversos elementos do meu caminho, registados em tantos lugares e na memória. Cada lembrança revivida trouxe de novo a emoção daquele momento! Provocou também o desejo de reencontrar pessoas, reler textos, relembrar histórias, brincadeiras e cantigas infantis, ouvir a voz... demorei-me nesse processo. Foi difícil começar! Mais difícil ainda terminar! Telefonemas, mensagens, diálogos... a intensidade da escrita trouxe à tona mais uma vez a sensibilidade de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Minha família, meus amigos e amigas, meus colegas de trabalho, às crianças, suas famílias, às estagiárias... Ocorreu-me então uma constatação! Desejo seguir minha carreira profissional com o mesmo amor, o mesmo entusiasmo, o mesmo compromisso com as crianças e com a escola que sempre tive desde o início da minha atuação. Entre cartas, bilhetes das minhas crianças, fotos, enfim, nessa busca pelas *minhas marcas deixadas no caminho*, reencontrei-me

com as cartas trocadas no projeto de extensão Parangolé do qual participei em 2011 e 2012. Na verdade, essa carta, não era apenas para mim, era para a turma toda, a Turma do Avião. Peço licença ao leitor para trazê-la nessas considerações finais, pois ela resume e diz muito de mim, das crianças, da relação com a formação - minha, das crianças, das estagiárias e estagiários - pode representar em poucas palavras como me sinto ao fim dessa escrita tão profunda e significativa, que provocou choros, sorrisos, reencontros, fortalecimento de crenças e posições!

Olá Turminha do Avião...

A Tia Núbia me contou que por alguns probleminhas com a sala de aula da Eseba, hoje será o último dia de aula dessa turminha tão querida por mim!! Fiquei com muita vontade de estar junto com vocês neste momento, pois esse é um dia muito importante para mim, mas infelizmente eu não posso estar com vocês pois estou com dengue e o médico me pediu para ficar de repouso na minha casa!

Eu falei que hoje é um dia muito importante para mim, porque é o dia que vou me despedir da Turma do Avião, mas também hoje é o dia que eu quero contar para vocês o quanto eu aprendi com todos vocês! E, como essa sala me ensinou muitas coisas e, uma delas foi o quanto a fantasia e a arte são muito importantes e bonitas, resolvi escrever uma história, podemos ouvir??

“Era uma vez uma garotinha que queria muito aprender sobre como era estar em uma sala de aula, então ela saiu procurando no mundo das escolas, uma sala de aula onde ela pudesse ficar durante um ano para aprender com as crianças, com as brincadeiras, com as atividades e com outras tantas coisas. De repente, essa garotinha se encontra com uma educadora, que topa receber essa personagem na sua sala de aula e a convida para entrar no espaço de porta laranja e conhecer 20 crianças que estavam prestes a embarcar em um avião, que levaria essa turma para lugares incríveis. Essa garotinha se apresentou para esses 20 coraçõezinhos pulsantes e se sentiu muito acolhida para poder pegar carona e ir junto com eles passear nesses lugares! E quer saber por onde eles foram?? Passearam por lugares onde existia um caderno de memórias, onde tinha uma foto de todo mundo que estava nesse avião, e onde essas crianças contavam e desenhavam sobre como tinha sido cada dia da viagem, dançaram nas rodas de conversa, trocando ideias e descobrindo coisas novas, descansaram ao som de “A canoa virou” recebendo uma carinhosa massagem da Tia Núbia, pesquisaram sobre o que é Congada e tocaram um atabaque, construíram fantoches da suas famílias, tiveram que dar uma pausa na viagem, por causa de uma nuvem que surgiu no céu, chamada greve, mas retornaram com toda alegria quando esta nuvem se desmanchou, cantaram várias músicas, aprenderam músicas novas, descobriram que dentro do alfabeto existem vogais e consoantes, aprenderam a ler e a escrever, conheceram o mundo do teatro de Romeu e Julieta, embarcaram na escrita de uma carta para Ruth Rocha e receberam um presente dela, pesquisaram sobre o avião, e puderam conhecer aviões grandes, pequenos, novos, antigos, pilotos, aeromoças. E, por terem passeado tanto, terem tido tantas experiências, essas crianças,

sonhando acordadas, inventaram, exploraram, descobriram. Descobriram assim, que podem ser sereias, homem aranha, bailarinas, cabeleireiros, delegados, Romeu, Julieta, vento, ventania... Descobriram que podem ser tudo isso em um espaço que não se faz sozinho, mas sim, juntos e juntos são criadores, são pequenos grandes, são descobridores, são artistas de sonhos. E, no final desta viagem esta garotinha percebeu o quanto ela foi privilegiada de poder ter ficado durante todo esse tempo na Turma do avião”.

Essa garotinha sou eu, esses 20 coraçõezinhos é cada um de vocês, essa “Tia” tão querida, é a Tia Núbia! E, com essa história gostaria de contar que eu aprendi com vocês, a perguntar, a ter curiosidade, a inventar, a conversar pra resolver os problemas, a ensinar brincadeiras para os colegas, a querer explicar as coisas, de que estamos sempre aprendendo e o quanto a infância é encantadora!

Obrigada Núbia, por ter me convidado a estar na portinha laranja da Eseba, palco de tantos momentos e aprendizados!!!

Sou muito feliz por ter feito parte da Turma do Avião... Desejo que vocês façam lindas novas viagens! Um beijo carinhoso em todo mundo.

Tia Camila

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. S. *Projetos pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre, 2008.
- CERTEAU, Michel. de. *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. Petrópoles: Vozes, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. [et al.] 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FONTANA, Roseli A. C. *Como nos Tornamos Professoras? Aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação*. 1997. 212 f. Tese (Doutorado) – UNICAMP Campinas. 1997.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1967.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópoles: Vozes, 1977.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- _____. *A ordem do discurso*. Loyola: São Paulo, 1996.
- GUIMARÃES, N. S. *O trabalho com literatura e o desenvolvimento cultural de adultos e crianças na educação infantil*. Campinas, São Paulo: [s. n.], 2017. Tese de Doutorado.
- MANACORDA, M. A. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARQUES, L. A. *O espaço da biblioteca na educação infantil e suas contribuições na formação de futuros leitores*. Trabalho de conclusão de curso. UFU, 2016.
- PAIVA, N. S. G. *O professor, sua prática e o processo de constituição da criança disciplinada/indisciplinada no cotidiano de salas de séries iniciais do ensino fundamental*, 2003. 107 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21a. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SKLIAR, C. *Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).
- SMOLKA, A. L. B. *Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações*. In: ROSSETTI-FERREIRA; M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. (orgs.). *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004, v. 1, p. 35-49.

VIGOTSKI, L. S. Do original: The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R. e VALSINER, J. *The Vygotsky Reader*. Blackwell, 1994. p. 338-354. Disponível em <https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm#search/a+quest%C3%A3o+do+meio+na+pedolo/FMfcgxckbSXVqJKMmCKWgZFGHRpJwLrL?projector=1&messagePartId=0.1>. Acesso em 17/05/2020.

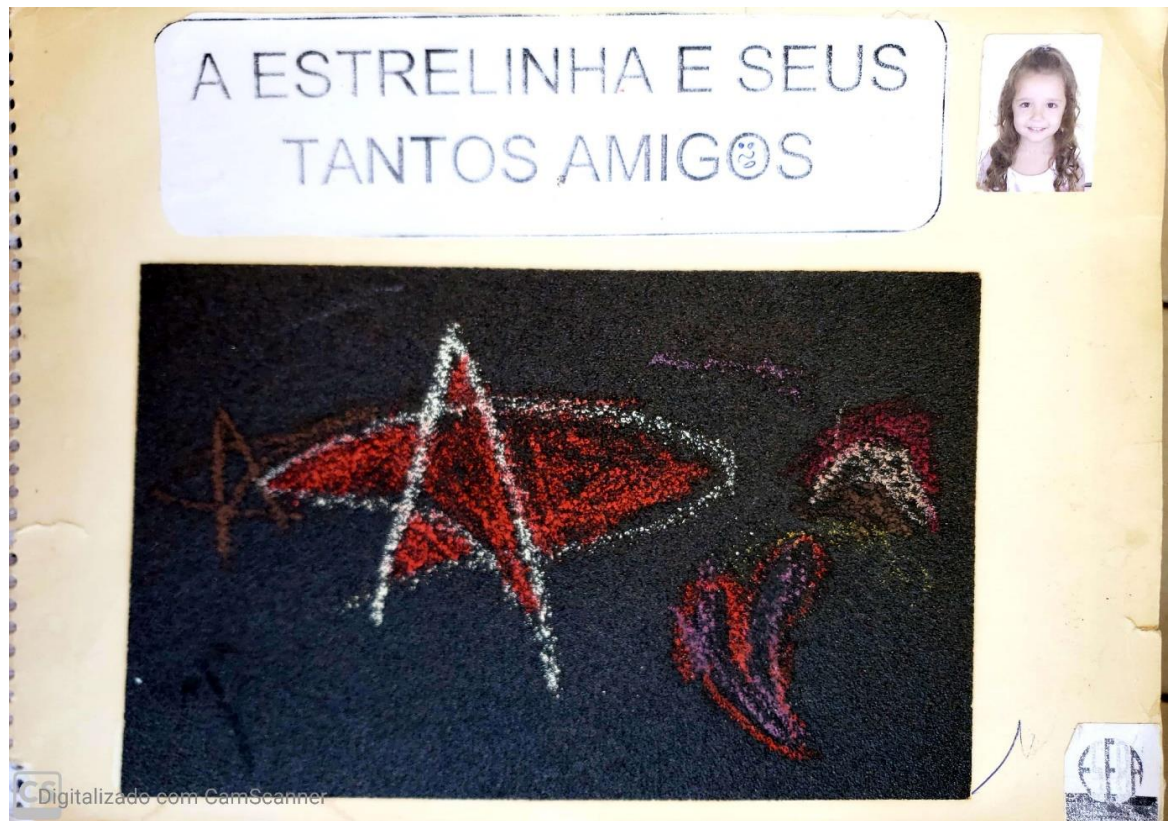
VYGOTSKY, Lev S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. Apresentação e comentários Ana Luíza Smolka. Tradução Zóia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1989 3ª ed.

_____. *Teoria e Método Em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

APÊNDICES

APENDICE “A”**PRODUÇÃO LIVRO “A ESTRELINHA E SEUS TANTOS AMIGOS”****Turma de 1º período – 4 anos 2013.**



FICHA CATALOGRÁFICA

PROJETO: A LITERATURA INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LEITORAS:
PARCERIA ENTRE PROFESSOR E ESTAGIÁRIO

A ESTRELINHA E SEUS TANTOS AMIGOS

Autores: Alunos do 1º Período – Educação Infantil

Ilustrador: **GLÓRIA**

Turma do Fogo

Uberlândia / 2013

A ESTRELINHA E SEUS TANTOS AMIGOS

Diretoria editorial

Alunos da Turma do Fogo

Núbia Silvia Guimarães Paiva

Assistência editorial

Nathália Montesino

Daniela Silva Moura

Revisão

Núbia Silvia Guimarães Paiva

Digitalizado com CamScanner

AUTORES E ILUSTRADORES



VINÍCIUS, JOAO PEDRO, GABRIEL ALVES, GABRIEL GARCIA, ISAÍAS, VICTOR HUGO, ARTHUR, HENRI, MATHEUS, NÚBIA, MARIA LAURA, ISABELLA SANTOS, ISABELA BORGES, GLÓRIA, ANA VICTORIA, SARAH, LAURA, ANA LUIZA E BIANCA.

CS Digitalizado com CamScanner

GLÓRIA

ASSINATURA DO (A) ESCRITOR (A)

ANA LUÍZA SILVA DIAS	ISAÍAS MAIA BARRENSE MENDES
ANA VICTÓRIA NASCIMENTOLACERDA	JOÃO PEDRO FARIA DA SILVA
ARTHUR SILVA MESSIAS	LAURA ESTER DE SOUSA SANTOS
BIANCA VIEIRA INHAQUITI	LUIZ HENRIQUE MENDES NOGUEIRA
GABRIEL DE ALMEIDA FIGUEIREDO GARCIA	MARIA LAURA RODRIGUES DE OLIVEIRA
GABRIEL PAINS ALVES	MATHEUS FREITAS CALIXTO
GLÓRIA BARBOSA CANTELLI CARVALHO	SARAH CAETANO FERREIRA
HENRI LEMES VINCENZI	VICTOR HUGO BARTHASSON F. NAVES
ISABELA DE SÁ BORGES SILVA	VINÍCIUS OLIVEIRA GONÇALVES
ISABELLA FERNANDES DOS SANTOS	

CS Digitalizado com CamScanner

DEDICATÓRIA

Para Isabella Borges e Sarah porque gosto delas. Para meu irmão Isaac porque eu o amo e também para minha mãe Letícia e meu pai Elder. **Isabella Santos**

Para meu irmãozinho João Vítor porque eu gosto dele. E para a Ana Victória, Luiz Henrique, Laura Ester e Sarah porque gosto deles todos. Isabella Santos, Glória e Isabela Borges também. **Maria Laura**

Para minha prima Eliza porque ela é minha melhor priminha. **Glória**

Para a mamãe, para Taís, para o papai, porque eles não foram ao planetário. **Henri**

Para minha avó Sonia e o meu tio Geovane porque eles não foram ao planetário e pro meu primo kaique, meu tio Cleiton, minha tia Simara e a tia Ana Júlia também. **Luiz Henrique**

Para Emily porque ela estudou na minha outra escola e para Mariana também porque elas são minhas amigas. **Sarah**

Para o Gabriel Alves porque sou amigo dele. Para o Matheus Calixto porque gosto dele. **Gabriel Garcia**

Para meu pai e pra minha mãe porque eles não foram ao planetário. **Isaías**

Para minha mãe, pro meu pai porque eles não foram ao planetário. Minha prima Isabela e a irmã dela que se chama Daniela. **Bianca**

Para o Gabriel Garcia, para o Matheus, o Isac e o Ruan, meus amigos da van. **Gabriel Alves**

Para o Gabriel Alves, Gabriel Garcia e Laura Ester porque eu gosto deles. Para o meu pai e para minha mãe. **João Pedro**

Para minha mãe porque gosto muito dela. **Laura Ester**

CS Digitalizado com CamScanner

Minha mamãe porque gosto muito dela, para meu papai igual a minha mamãe e para minha vovó Cida igual também. **Vinícius**

Para minha mãe porque ela me deu uma piscina. Para meu pai porque ele me deixa jogar em seu celular. Para o Victor Hugo, Vinícius, Gabriel Garcia e todos os outros coleguinhos da minha sala. **Matheus**

Para Matheus, Vinícius, Gabriel Alves, Gabriel Garcia, Isaías, Luiz Henrique, Arthur porque eu gosto deles. Para minha mãe, meu tio porque eu os amo. **Victor Hugo**

Para minha avó, para minha mãe porque elas gostam muito da história, para minha prima Gabriele porque ela gosta mais ainda da história. Para minha tia Regina porque ela também gosta da história. Eu contei a história para elas. **Ana Victória**

Minha mãe Gabrielle e meu pai Cleiton, meu tio Hugo e minha tia Zefa, vovô Toninho e vovó Madalena, porque eu gosto de todos eles. Amo todos eles. **Isabela Borges**

Para a mamãe Sarah e para o papai Ilson porque eles me ajudam. **Arthur**

Dedico o livrinho para minha amiga Bianca, pois eu gosto muito dela, para minha irmã, minha mamãe, meu papai e meu irmão porque eu os adoro de montão. **Ana Luíza**

CS Digitalizado com CamScanner

APRESENTAÇÃO

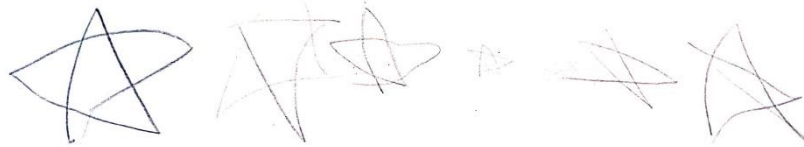
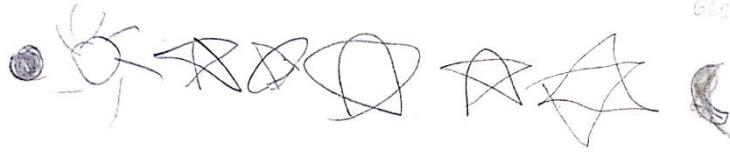
Como uma professora apaixonada pelas histórias infantis que sou, e pelo que elas provocam nas crianças, viver esse processo de criação foi uma experiência fantástica. A história "**A ESTRELINHA E SEUS TANTOS AMIGOS**" nasce por iniciativa das próprias crianças como parte do desenvolvimento de nosso Projeto de sala **Estrelas**. O Projeto Estrelas surgiu por sugestão do colega Gabriel Garcia, que de tão curioso pelo tema, conseguiu contagiar outros colegas a também se envolver com a proposta. A partir daí experimentamos várias descobertas nesse processo. A aula campo no observatório, a experiência de olhar o sol com uma proteção especial, a única estrela do sistema solar, a entrevista com o Senhor Silvestre, os vídeos e a compreensão sobre outros objetos que também ficam no espaço. Tudo isso foi vivido com muito entusiasmo e envolvimento pelo grupo. Quando conversamos sobre as possibilidades de desenvolvimento do projeto, as crianças sugeriram que criássemos uma história sobre essa personagem tão significativa para todos nós. As crianças conseguiram perceber como poderiam criar uma história e viajaram pela imaginação, brincando com as palavras e com os personagens. O encontro com Jéfferson Passos e Rosi Ferreira, ilustrador e autora de histórias infantis, com certeza, auxiliaram-nas nessa criação, levando-as a ampliarem a organização do pensamento e da criatividade. O resultado foi a criação de uma história divertida, cheia de aventuras e emoções. Tenho certeza que os leitores irão se divertir conosco ao acompanhar as aventuras dessa nossa personagem.

Núbia Sílvia Guimarães Paiva

CS Digitalizado com CamScanner

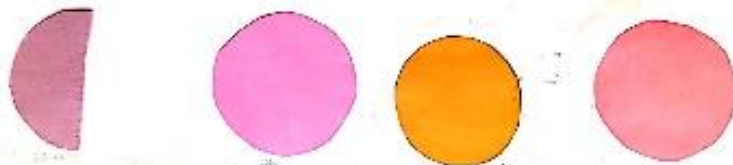
ERA UMA VEZ UMA ESTRELINHA QUE PISCAVA E BRILHAVA!

GLÓRIA

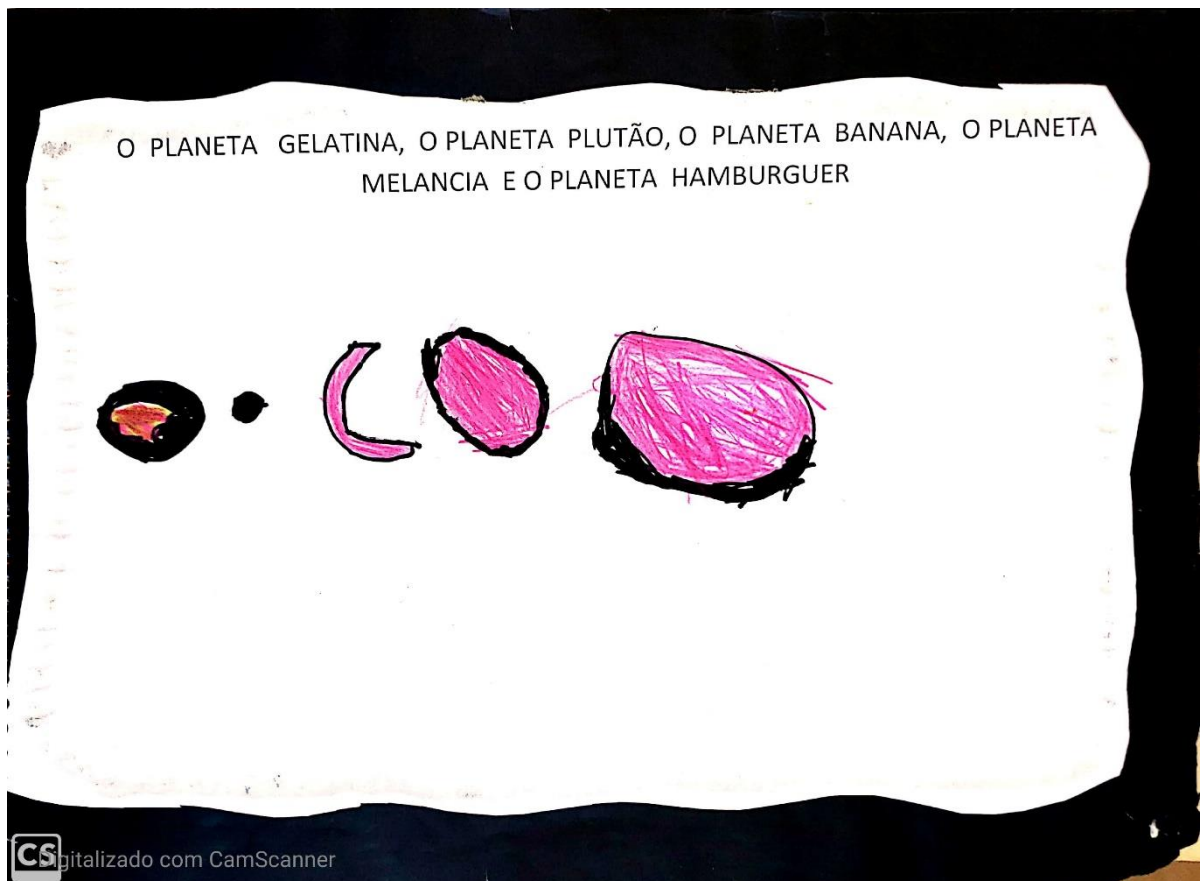


CS Digitalizado com CamScanner

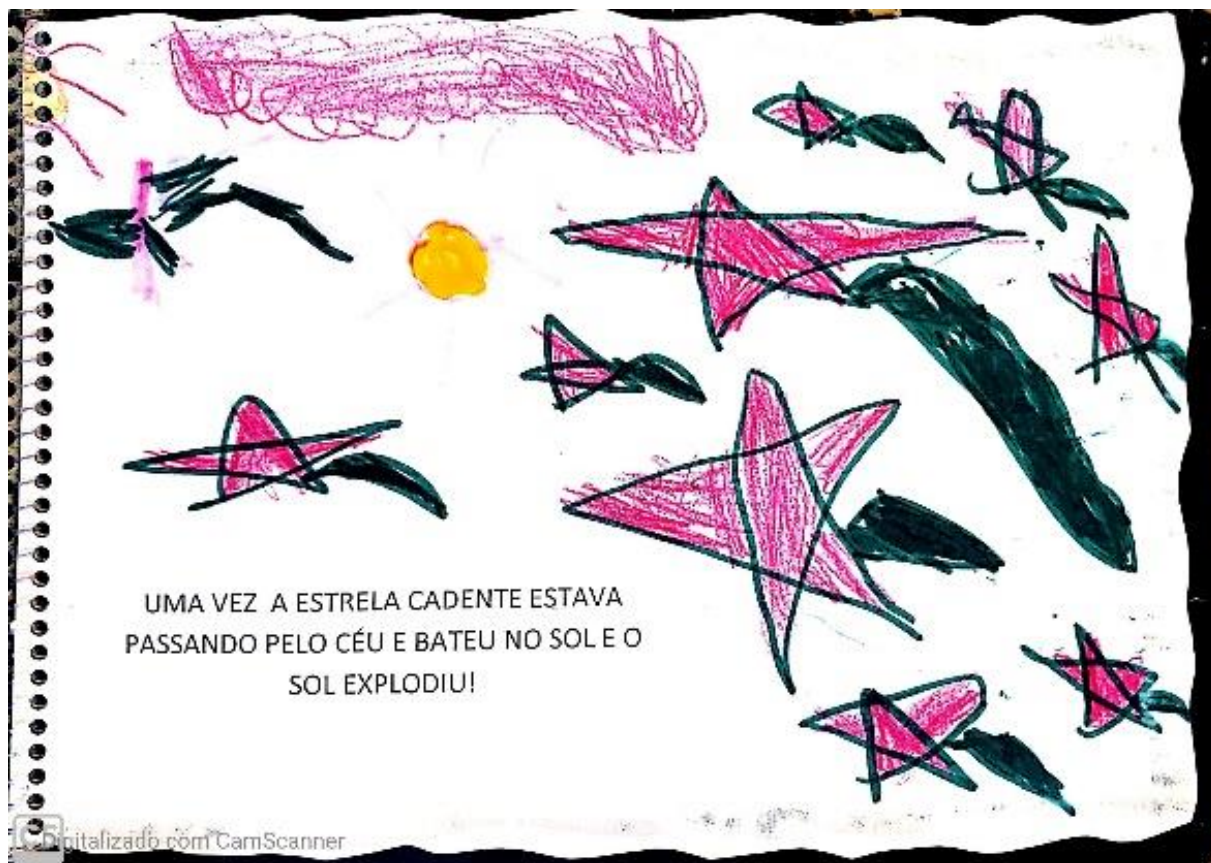
ELA TINHA VÁRIOS AMIGOS! A AMIGA LUA, O AMIGO SOL, UMA OUTRA ESTRELA CADENTE, O PLANETA VÊNUS, UM METEORO, ...



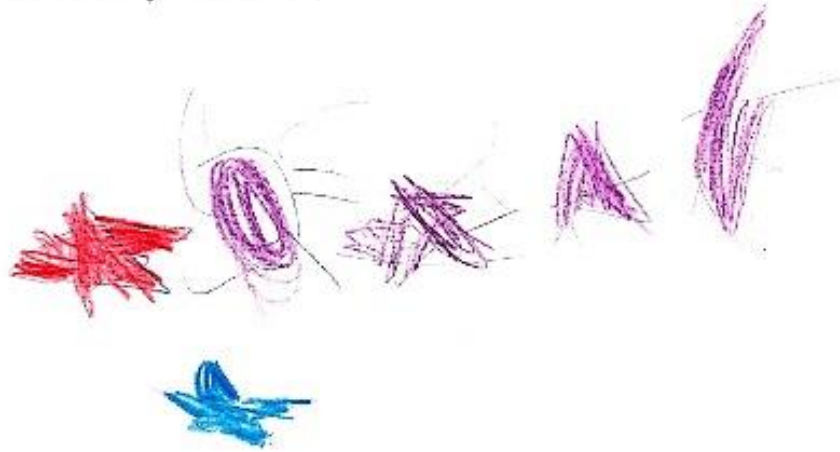
CS Digitalizado com CamScanner







DEPOIS DISSO VEIO OUTRO SOL E
OUTRA LUA E COMEÇOU TUDO DE
NOVO!



**APÊNDICE “B” – CARDÁPIO CRIADO PELAS CRIANÇAS DO 2º PERÍODO PARA
A PIZZARIA DA TURMA – DEZ/2019**

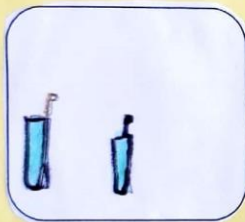


SUGESTÕES DOS CHEF



PIZZA

STROGONOFF



SUCO DE MORANGO



PIZZA CALABRESA



SUGESTÕES DOS CHEF



LIMÃO



NUTELLA
CHOCOLATE



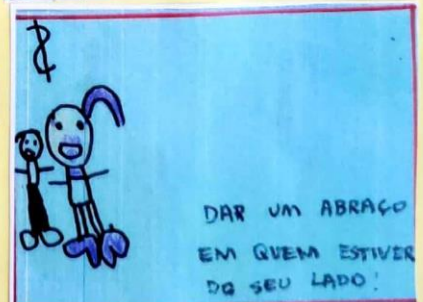
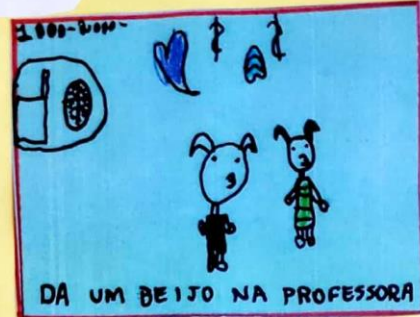
SUCO DE MORANGO



PIZZA SCALABRESA



SUCO DE
MORANGO



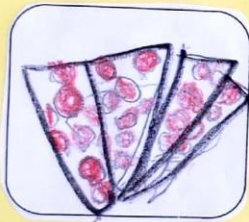
SUGESTÕES DOS CHEF



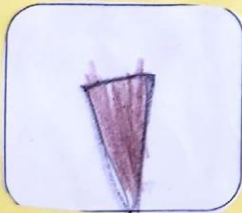
SUCCO
DE
MORANGO



PIZZA
BATATA



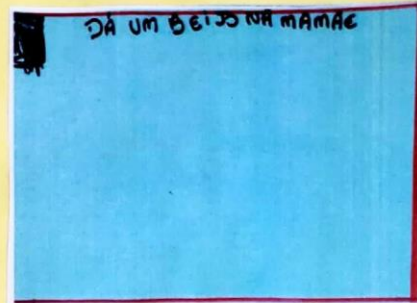
CALABRESA



CHOCOLATE



SUCOS
DE
MORANGO



SUGESTÕES DOS CHEF



CALABRESA



MAÇÃ

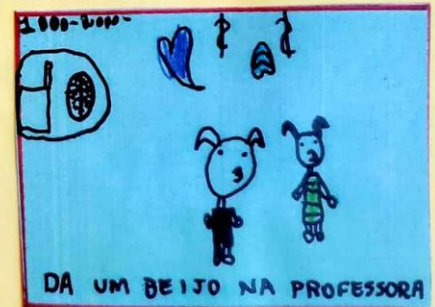
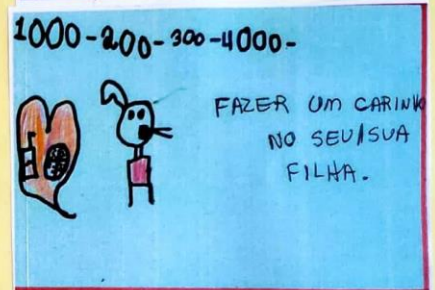
CHOCOLATE COM
NUT LIT

LIMÃO



CALABRESA

MUÇARELA



SUGESTÕES DOS CHEF



MUTELLA
CHOCOLATE



SUCCO MORANGO



FRANGO

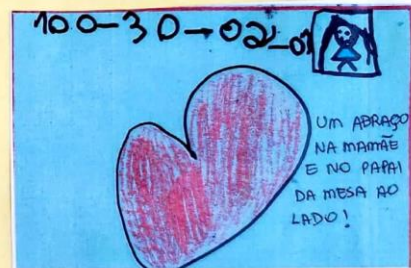


BATATA FRITA



SUCOS
DE

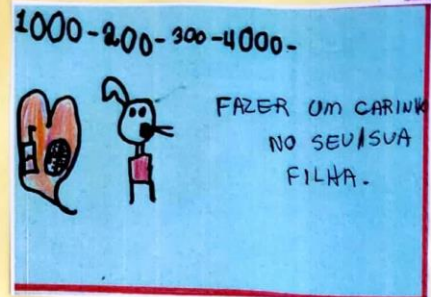
ABACAXI



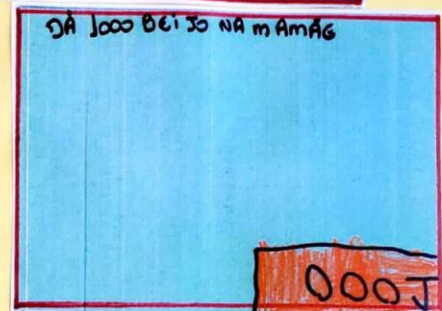
SUGESTÕES DOS CHEF



QUEIJO



SUCO DE LIMÃO



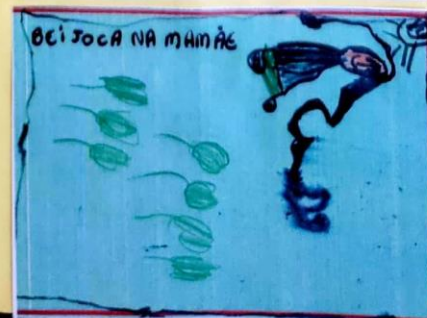
CALABRESA



SUCO DE MORANGO



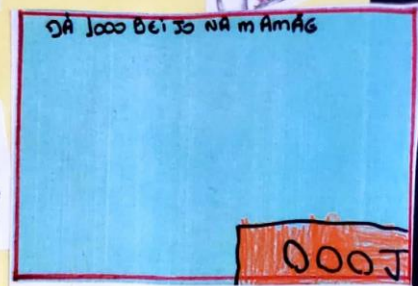
CHOCOLATE
NUTELLA



SUGESTÕES DOS CHEF



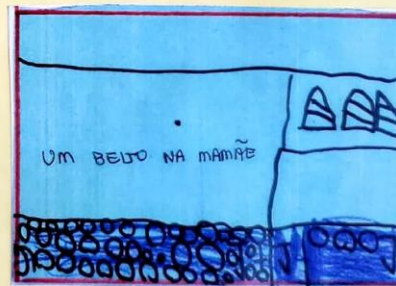
MUÇARELA
SUCO DE LIMÃO



CALABRESA
SUCO DE MORANGO



CHOCOLATE
COM
VOE LLA



PIZZA STROGONOFF



SUGESTÕES DOS CHEF



CHOCOLATE COM NUTELLA



SUCO DEMORANGO



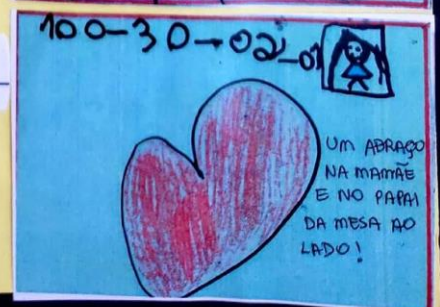
CALABRESA



SUCO DE LIMA



CHOCOLATE



APÊNDICE “C” – ALMANAQUE DE TIRINHAS CRIADO PELAS CRIANÇAS DE
1º PERÍODO - TURMA DA MÔNICA EM 2018.





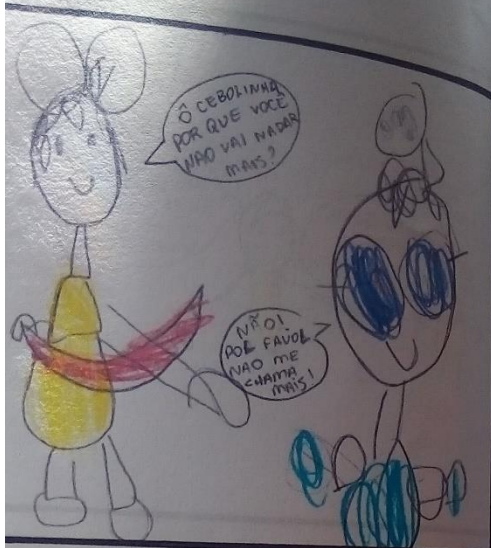
APRESENTAÇÃO

Essa produção é fruto de todo um trabalho desenvolvido ao longo do ano de 2018, onde o encontro entre 19 pessoas deu origem a um grupinho unido, caloroso, divertido e muito potente. Ao longo do ano, ouvimos e lemos muitas histórias em quadrinhos, conhecemos os personagens da Turma da Mônica, descobrimos o autor e criador da Turma da Mônica, o grande artista Maurício de Sousa! Rimos e nos divertimos com os personagens, seus amigos e bichinhos de estimação. Construímos brinquedos, jogos e brincadeiras!

Além de compreender o universo das histórias, de significá-las em nosso cotidiano, acredito que a criação das tirinhas foi algo muito especial para as crianças. A proposta de criar um "Almanaque de tirinhas" foi sendo construída desde que compomos a porta da nossa sala. Ao fazer o convite às crianças, elas aceitaram na hora! A partir daí foi-se constituindo o processo criativo tão importante na relação das crianças com o conhecimento. Então esse é o resultado de um trabalho criativo feito com muito envolvimento pelas crianças e por toda nossa equipe! Obrigada às crianças pelas criações e às estagiárias Marina e Hellen pelas ideias e excelente trabalho! Convido os leitores a se divertirem com nossas produções!

Núbia Silvia Guimarães

Ana Alice



Arthur





ANEXOS - DIPLOMAS





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Reitor da Universidade Federal de Uberlândia, no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Educação, em 23 de fevereiro de 2005, confere o título de Mestre a Níbia Silvia Guimarães Paiva, filha de Cristovão Luiz Guimarães e de Maria das Dores Rodrigues Guimarães, nascida a 14 de março de 1975, natural de Buri, Alegre, Estado de Goiás, e outorga-lhe o presente Diploma a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Uberlândia-MG, 10 de agosto de 2006.

Reitor

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Diplomado Níbia Silvia Guimarães Paiva





Universidade Estadual de Campinas

O Reitor da Universidade Estadual de Campinas, no uso de suas atribuições legais, tendo em vista a conclusão em 24-11-2017, do Curso de Doutorado em Educação, ministrado pela Faculdade de Educação, reconhecido pela Portaria MEC nº 656 de 22-05-2017, confere o título de

Doutora em Educação

na área de Educação a

Núbia Silvia Guimarães

Brasileira, natural do Estado de Goiás, nascida a 14 de março de 1975, RG: MG-6870102-MG

de acordo com a defesa de tese homologada em 21-02-2018, pela Comissão Central de Pós-Graduação, Deliberação CCPG nº 57846 de 21-02-2018, e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Cidade Universitária "Zeferino Vaz", 23 de fevereiro de 2018

Orlando Carlos Furlan
Coordenador Acadêmico

André Tosi Furtado
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Marcelo Knobel
Reitor

